



Revista Eletrônica Peregrino da Esperança

Volume 1 – Número 2 - 2025



Revista Eletrônica Peregrino da Esperança

Com imensa alegria e gratidão, o Portal Peregrino da Esperança apresenta a Revista Eletrônica Peregrino da Esperança, um espaço de fé, reflexão e partilha do conhecimento. Fruto do Núcleo de Estudos Religiosos do Portal Peregrino da Esperança, esta revista nasce como um instrumento de evangelização e aprofundamento espiritual, unindo a caminhada da razão e da fé sob a luz da esperança cristã.

De publicação semestral, a Revista Eletrônica Peregrino da Esperança reúne os trabalhos de produção científica dos idealizadores Maria Bernadete Miranda e Luiz Eduardo Miranda José Rodrigues, além de divulgar artigos, documentos, eventos e entrevistas com convidados que partilham do mesmo amor pelas coisas sagradas e pelo mistério da fé.

Seu propósito é ser uma ponte entre o saber teológico e a vivência espiritual, inspirando peregrinos, estudiosos e devotos a contemplarem o divino presente nas diversas expressões religiosas do mundo.

Reconhecida oficialmente pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), sob o número de ISSN – 3086-2256, a Revista consolida-se como uma publicação eletrônica indexada sobre religião, reafirmando o compromisso do Portal Peregrino da Esperança com a difusão do conhecimento, da cultura e da espiritualidade. Mais do que um periódico acadêmico, é um testemunho vivo de fé, um convite à leitura que transforma, eleva e conduz o coração humano a Deus, peregrinando pelas sendas do saber iluminado pela esperança.



*“Felizes os que adquirem a sabedoria e os que alcançam o entendimento,
pois o seu valor é melhor do que o da prata, e o seu lucro é maior do que o do ouro.”*
(Provérbios 3, 13-14)



Sumário

ISSN - 3086-2256

Vol. 1, nº 2 (2025)

Sumário

Editorial

Artigos

Ester e Maria: Duas Mulheres Escolhidas para a Salvação do Povo

Maria Bernadete Miranda

A Mulher Vestida de Sol: Maria Símbolo Escatológico da Igreja e Vitória da Graça em Apocalipse

12

Maria Bernadete Miranda

A Devocão a Nossa Senhora Aparecida: Perspectivas Históricas e Teológicas

Luiz Eduardo Miranda José Rodrigues

A Senhora do Tepeyac: História, Teologia e Espiritualidade de uma Aparição que Transformou a América Latina

Luiz Eduardo Miranda José Rodrigues

O Legado de Maria: Um Chamado à Humildade e ao Serviço

Maria Bernadete Miranda

Poemas e Reflexões

A Mulher Vestida de Sol

Maria Bernadete Miranda

Mãe das Águas e da Esperança

Maria Bernadete Miranda

A Senhora do Tepeyac

Maria Bernadete Miranda



Editorial

Com alegria e gratidão, apresentamos o Volume 1, Número 2 da Revista Eletrônica Peregrino da Esperança, publicação semestral do Núcleo de Estudos Religiosos do Portal Peregrino da Esperança. Este novo volume reafirma o propósito que inspira a nossa jornada: difundir o saber religioso e promover a evangelização por meio do diálogo entre a fé, a teologia e a espiritualidade cristã.

Idealizada por Maria Bernadete Miranda e Luiz Eduardo Miranda José Rodrigues, a revista se consolida, nesta edição, como um espaço de peregrinação interior e comunitária, onde o estudo e a experiência de fé se unem para fortalecer a esperança dos que caminham com Maria, Mãe da Igreja e sinal de consolo para todos os povos. Este volume, registrado com ISSN 3086-2256, pelo IBICT, apresenta-se como mais um passo firme na consolidação de um projeto editorial que nasce do coração orante e se dirige ao coração dos leitores, desejando ser instrumento de reflexão, oração e encontro com o mistério de Deus.

A presente edição está organizada em duas seções: “Artigos” e “Poemas e Reflexões”, reunindo textos que, de modo diverso e complementar, expressam a riqueza da espiritualidade mariana e a sua presença transformadora na história da salvação.

A seção de Artigos é composta por cinco trabalhos que revelam a profundidade da pesquisa teológica e espiritual de seus autores, conduzindo o leitor a uma contemplação mais ampla do papel de Maria na história da fé e na vida da Igreja.

O volume inicia-se com o texto “Ester e Maria: Duas Mulheres Escolhidas para a Salvação do Povo”, de Maria Bernadete Miranda, que propõe uma belíssima leitura paralela entre a rainha Ester, figura do Antigo Testamento, e Maria, a nova mulher escolhida por Deus para cooperar no mistério da Redenção. O artigo convida o leitor a perceber, na trajetória dessas duas mulheres, a força da fé, a coragem diante das provações e o compromisso com a vida e a esperança do povo de Deus.

Em seguida, o artigo “A Mulher Vestida de Sol: Maria Símbolo Escatológico da Igreja e Vitória da Graça em Apocalipse 12”, também de Maria Bernadete Miranda, aprofunda a compreensão do mistério mariano à luz do Livro do Apocalipse. Com sensibilidade teológica e fidelidade às Escrituras, a autora revela a dimensão escatológica de Maria como sinal da vitória da graça sobre o mal, e como imagem viva da Igreja glorificada, chamada a participar plenamente da redenção de Cristo.



A terceira contribuição, “A Devoção a Nossa Senhora Aparecida: Perspectivas Históricas e Teológicas”, de Luiz Eduardo Miranda José Rodrigues, leva-nos ao coração da fé do povo brasileiro. O autor revisita os fundamentos históricos da devoção à Padroeira do Brasil, apresentando suas raízes teológicas e o profundo significado pastoral que ela possui na espiritualidade do nosso país. Em suas linhas, percebe-se o esforço de unir a história e a fé popular, mostrando que Nossa Senhora Aparecida continua a ser um símbolo de unidade, proteção e esperança para a nação.

O quarto artigo, “A Senhora do Tepeyac: História, Teologia e Espiritualidade de uma Aparição que Transformou a América Latina”, de Luiz Eduardo Miranda José Rodrigues, mergulha na história da aparição de Nossa Senhora de Guadalupe, no monte Tepeyac, no México. Com rigor histórico e ternura espiritual, o autor reflete sobre o significado teológico dessa manifestação mariana, que se tornou símbolo da presença maternal de Deus junto aos mais simples e sinal de comunhão entre os povos latino-americanos. O texto recorda que a Mãe de Guadalupe não fala apenas aos corações mexicanos, mas a toda a Igreja que peregrina pelas terras do continente da esperança.

Encerrando a seção de artigos, temos “O Legado de Maria: Um Chamado à Humildade e ao Serviço”, novamente de Maria Bernadete Miranda, que propõe uma reflexão profundamente espiritual sobre a figura de Maria como modelo de humildade, obediência e serviço amoroso. O texto recorda que seguir o exemplo da Mãe do Senhor é responder ao chamado divino com disponibilidade e amor, assumindo o compromisso cristão de servir com alegria, fé e entrega.

Na segunda parte da revista, intitulada “Poemas e Reflexões”, o leitor é convidado a um encontro mais íntimo e contemplativo com o mistério mariano. A poesia, neste espaço, torna-se oração, e a reflexão se transforma em expressão de louvor e entrega.

O primeiro texto, “A Mulher Vestida de Sol”, de Maria Bernadete Miranda, revisita poeticamente o tema já abordado em seu artigo homônimo, agora com linguagem simbólica e contemplativa. O poema celebra Maria como luz que vence as trevas, mulher revestida de graça e esperança, cuja presença ilumina o caminho dos fiéis em meio às tribulações do mundo.

Em “Mãe das Águas e da Esperança”, também de Maria Bernadete Miranda, a inspiração poética se une à mística da devoção à Nossa Senhora Aparecida, evocando imagens da natureza e do coração do povo. A figura da Mãe das águas torna-se metáfora da ternura divina que acolhe, purifica e conduz, convidando o leitor à confiança e à fé renovada.

Por fim, o poema “A Senhora do Tepeyac”, novamente de Maria Bernadete Miranda, encerra a seção de modo sublime, fazendo eco ao artigo sobre Guadalupe. Em versos que misturam

história, emoção e espiritualidade, a autora apresenta Maria como a Mãe que fala na língua dos povos, que acolhe as culturas e que se faz presença viva de Deus entre os humildes e esquecidos.

Assim, este Volume 1, Número 2 da Revista Eletrônica Peregrino da Esperança se oferece aos leitores como um itinerário de fé e contemplação, em que o estudo teológico se une à poesia da alma, e a reflexão acadêmica se transforma em convite à oração. Em cada artigo e em cada poema, a figura de Maria emerge como símbolo de esperança e sinal de Deus que caminha conosco.

A todos os que colaboraram, leram e se deixaram tocar por estas páginas, nosso sincero agradecimento. Que este volume seja um farol de fé e consolo, fortalecendo-nos na certeza de que, sob o manto da Mãe de Deus, peregrinamos com esperança rumo à plenitude do Reino.

Maria Bernadete Miranda

Luiz Eduardo Miranda José Rodrigues

Editores da Revista Eletrônica Peregrino da Esperança

Artigos



Ester e Maria: Duas Mulheres Escolhidas para a Salvação do Povo

Maria Bernadete Miranda
mbernadetemiranda@gmail.com

“Deus confia às mulheres o mistério da esperança: em Ester e em Maria, o amor vence o medo, e a fé transforma o destino.”

Resumo

O presente artigo realiza uma reflexão teológico-espiritual e histórica sobre o Livro de Ester à luz da figura de Maria, Mãe de Jesus Cristo. Partindo das Escrituras, da tradição patrística e dos documentos da Igreja Católica, propõe-se uma leitura simbólica e tipológica que revela a profunda unidade do plano de Deus na história da salvação. A rainha Ester, mulher de coragem e intercessora do povo de Israel, prefigura Maria, a Mãe da nova Aliança, cuja obediência e fé abriram à humanidade o caminho da redenção. Este estudo integra a dimensão devocional e pastoral da espiritualidade mariana, oferecendo também uma mensagem de esperança e de fé aos peregrinos que trilham os caminhos do Senhor, recordando que cada passo da peregrinação é um ato de confiança e intercessão, à semelhança dessas duas mulheres eleitas por Deus.

Abstract

This article offers a theological, historical and spiritual reflection on the Book of Esther in light of Mary, Mother of Jesus Christ. Based on Scripture, Patristic tradition and Church documents, it proposes a symbolic and typological reading that reveals the deep unity of God's salvific plan in history. Queen Esther, a woman of courage and intercessor for the people of Israel, prefigures Mary, Mother of the new Covenant, whose obedience and faith opened the path of redemption to humanity. The study also integrates the devotional and pastoral dimensions of Marian spirituality, offering a message of faith and hope to pilgrims walking the ways of the Lord, reminding that each step of pilgrimage is an act of trust and intercession, after the example of these two women chosen by God.

1 – Introdução

A Sagrada Escritura revela, desde os primórdios, o protagonismo silencioso e profundo das mulheres na história da salvação. De Sara a Débora, de Rute a Ester, e culminando em Maria, Mãe de Jesus, vemos como Deus se serve da fé e da docilidade feminina para realizar Seus planos de amor. Em meio à dureza dos impérios e à arrogância dos poderosos, a voz feminina surge como eco da sabedoria divina — firme, confiante e cheia de ternura.

O Livro de Ester ocupa um lugar singular no Antigo Testamento. Diferentemente de outros livros históricos ou proféticos, sua narrativa não menciona o nome de Deus explicitamente, o que, paradoxalmente, ressalta a atuação divina nos bastidores da história humana. Essa ausência aparente revela, segundo a tradição patrística, que a Providência de Deus opera de modo silencioso, mas firme, conduzindo os eventos para o cumprimento de seu plano (Santo Agostinho)

A história se passa no contexto do Império Persa, sob o reinado de Assuero (Xerxes I), e narra a ascensão de Ester, uma jovem judia, à condição de rainha, e sua coragem ao interceder pelo seu povo diante do decreto de extermínio imposto por Hamã, ministro do rei. O relato combina intriga política, sabedoria estratégica e um profundo sentido espiritual, constituindo um convite à reflexão sobre o papel da fé, da coragem e da intercessão na história da salvação (Catecismo da Igreja Católica, §§ 1087-1088).

Ester e Maria se destacam como espelhos luminosos do cuidado de Deus com Seu povo. Ester representa o modelo da mulher intercessora que se arrisca em favor dos irmãos; Maria é a plenitude desse modelo, pois acolhe em seu ventre o próprio Salvador e, desde então, intercede por toda a humanidade. Ambas, em tempos de provação, manifestam a força da fé que nasce da confiança no Senhor.

Este artigo propõe uma leitura integral do Livro de Ester, equilibrando a análise histórico-literária e a reflexão teológica e espiritual, destacando Ester como figura simbólica da Virgem Maria e da Igreja, e como modelo de intercessão e confiança na Providência divina.

O fio que une Ester e Maria é o mesmo que conduz o peregrino em sua jornada: a esperança. Em cada caminho percorrido, o cristão é convidado a imitar sua coragem e sua entrega, aprendendo com elas que a salvação floresce na obediência e na confiança incondicional em Deus.

2 - A Mulher e o Mistério da Salvação

Desde o início da criação, Deus quis associar a mulher à sua obra redentora. No Gênesis, após a queda, o Senhor anuncia: *“Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a descendência dela: ela te esmagará a cabeça”* (Gn 3,15). Essa profecia primordial encontra ecos profundos tanto em Ester quanto em Maria.

Ester, em meio a um império estrangeiro, torna-se instrumento da libertação de seu povo. Sua beleza e prudência são dons a serviço de um desígnio maior: salvar Israel da destruição tramada por Hamã. Maria, por sua vez, é a “nova Eva” — aquela que, por sua obediência e fé, se torna cooperadora da redenção, esmagando a cabeça da antiga serpente pelo seu “sim” (Santo Irineu de Lião, Adversus Haereses, III, 22,4).

Enquanto Ester se reveste com vestes reais para apresentar-se ao rei (Est 5,1), Maria se reveste da graça divina para acolher o Rei eterno em seu seio. Ambas refletem a vocação da mulher como ícone da misericórdia, como portadora da vida e da esperança.

No Livro de Ester, o clímax da narrativa ocorre quando a rainha, movida pela fé e pelo amor a seu povo, decide entrar na presença do rei sem ser chamada — gesto que poderia custar-lhe a vida. “*Jejuai por mim, não comais nem bebais por três dias e três noites*” (Est 4,16). Sua coragem é uma prefiguração do papel de Maria, que, em Caná, intercede junto a seu Filho em favor dos noivos: “*Eles não têm mais vinho*” (Jo 2,3).

Ambas se colocam entre o povo e o poder, entre a necessidade humana e a misericórdia divina. Maria não apenas suplica; ela antecipa o milagre. É a Mãe que percebe antes do tempo, que sente o sofrimento do outro e o apresenta a Deus com ternura. São Bernardo de Claraval dirá: “*Deus quis que nada nos fosse dado senão por Maria*” (Sermão sobre a Natividade da Virgem Maria), sublinhando o papel mediador da Virgem na economia da salvação.

Ester jejuou e vestiu-se de penitência; Maria guardou e meditou tudo em seu coração (Lc 2,19). Ambas revelam que a verdadeira intercessão nasce da interioridade, da contemplação e da entrega confiante.

3 – O Contexto Histórico e Literário do Livro de Ester

O cenário persa do século V a.C. oferece um pano de fundo crucial para a compreensão da narrativa. O Império Persa era vasto, multicultural e administrado por uma monarquia absoluta, em que o rei detinha poder supremo. Ester, judia exilada em Susã, é elevada à condição de rainha de forma providencial, sugerindo que mesmo nas estruturas políticas humanas, Deus guia os acontecimentos em favor de seu povo (Dei Verbum, §12).

A literatura do Livro de Ester combina elementos históricos, narrativos e didáticos, apresentando intrigas de palácio, festividades e estratégias diplomáticas. A historicidade do texto é apoiada por tradições judaicas e fontes extrabíblicas, reconhecendo a presença dos judeus no exílio persa e sua luta pela preservação da fé e da identidade cultural.

O livro também marca seu lugar no cânon católico pela celebração da festa de Purim, que preserva a memória da salvação do povo judeu, demonstrando a interação entre história, memória e fé.

Embora o nome de Deus não apareça explicitamente, cada ação de Ester revela a presença discreta, mas decisiva, da Providência. Sua coragem, prudência e confiança no Senhor prefiguram a intercessão da Virgem Maria, cuja obediência e coragem salvam a humanidade por meio de Cristo (Lucas

1, 38). Como Ester, Maria age como mediadora silenciosa, intervindo em momentos cruciais da história da salvação (São Tomás de Aquino, *Summa Theologica*).

A coragem de Ester reflete a necessidade da cooperação humana com a graça divina. Ao aproximar-se do rei para interceder pelo seu povo, ela arrisca a própria vida, demonstrando fé, humildade e obediência — virtudes que ecoam na espiritualidade mariana e na missão da Igreja como mediadora de misericórdia e esperança (Santa Teresa d'Ávila, *Caminho de Perfeição*, cap. 27).

O livro oferece uma reflexão profunda sobre a Providência divina, a fidelidade e a intercessão. A narrativa evidencia que Deus age muitas vezes de maneira oculta, guiando os corações e os acontecimentos em favor daqueles que permanecem fiéis à sua Aliança. Ester representa a Igreja em sua missão de conduzir os fiéis à salvação, intercedendo com coragem e sabedoria em favor da humanidade.

O paralelismo entre Ester e Maria se evidencia em aspectos como: a escolha providencial, a coragem diante do perigo, a intercessão pelo povo e a confiança absoluta na ação de Deus. A leitura contemplativa do texto convida o leitor a reconhecer a presença de Deus em meio às adversidades da vida e a confiar na eficácia da oração e da intercessão (*Catecismo da Igreja Católica*, §§ 2685-2688).

4 - Ester: a Rainha do Silêncio e da Coragem

O Livro de Ester é uma narrativa de fé em meio à provação. Deus não é mencionado explicitamente, mas está presente em cada gesto, em cada decisão, em cada reviravolta. A rainha judia, que vive em um palácio estrangeiro, enfrenta o dilema de revelar sua identidade e arriscar a vida em favor do seu povo. “*Se eu perecer, pereci*” (Est 4,16), diz ela, entregando-se inteiramente à vontade divina.

Neste ato de total confiança, Ester torna-se figura da Igreja e de Maria, modelo da mulher que intercede e oferece sua própria vida pela salvação dos outros. Como ensina São João Crisóstomo, “*Deus se compraz em agir através dos humildes, e por uma só mulher, o povo inteiro foi libertado*” (Homilia sobre Ester).

A intercessão de Ester diante do rei Assuero é imagem profética da intercessão de Maria diante de seu Filho. Assim como Ester se revestiu de trajes reais para comparecer diante do trono, Maria se reveste de graça e pureza para apresentar à Trindade as súplicas da humanidade. Ambas se aproximam do trono com temor e amor, não por si mesmas, mas por compaixão pelos seus irmãos.

O jejum e a oração de Ester prefiguram o coração orante de Maria, que “*guardava todas essas coisas e meditava sobre elas em seu coração*” (Lc 2,19). No silêncio e na fé, ambas unem o céu e a terra.



5. Ester como Tipo de Intercessora: Análise Narrativa e Simbólica

Na leitura tipológica, Ester cumpre um papel de mediadora que preserva a vida do povo. Três traços se destacam: a coragem e risco pessoal; a intercessão comunitária; e a providência e sabedoria política.

Diante do decreto mortal, Ester assume o risco nietzscheano de “*entrar na presença do rei sem ser chamada*” (Est 4,11; 5,1). Ao fazê-lo, ela revela uma vocação própria àquela situação: “*Se morrer é necessário, que morra*” (Est 4,16, segundo algumas leituras; na Vulgata e textos tradicionais: “*irei ao rei, ainda que me seja contra a lei; e se eu perecer, pereci*”). A disponibilidade a abraçar o possível martírio configura-a como mediadora sacrificial.

Ester não age isoladamente: convoca o jejum do povo e contextualiza sua ação na solidariedade (Est 4,16). Sua mediação é maternal no sentido de cuidar por todos, assumindo a condição do povo em crise. Esta dimensão comunitária alinha-a com a noção bíblica de liderança servidora (cf. a figura do bom pastor) e com a maternidade espiritual exercida por intercessoras na história bíblica.

Por fim, a trama literária enfatiza que a salvação ocorre não por força bruta, mas por sabedoria, providência e reviravolta legal (Est 8–10). A estratégia de Ester transforma a lei mortal em instrumento de salvação. Essa “sabedoria” ecoa o papel de mulheres sábias em outros textos bíblicos (cf. Rute, Judite, Débora), que exercem liderança em contextos de crise.

No conjunto, Ester aparece como figura que conjuga coragem, intercessão e sabedoria, tornando-se paradigma de mediação que não exclui o risco e a oferecida de si mesma. Essa configuração já abre a porta para a analogia com Maria.

6 - Maria: a Mulher Vestida de Sol

Se Ester é a sombra profética, Maria é a plenitude da promessa. Na jovem de Nazaré se realiza o desígnio eterno de Deus: “*Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra*” (Lc 1,38).

A coragem de Maria supera a de todas as mulheres da Escritura. Ela acolhe o mistério do impossível — a encarnação do Verbo — e torna-se a nova Arca da Aliança, o lugar da presença divina. São Bernardo de Claraval compara o “sim” de Maria ao momento mais solene da história: “*Esperava-se a resposta de Maria; e ao seu consentimento dependia a salvação de todos*” (Homilia sobre o Evangelho).

Como Ester, Maria intercede pelo povo, mas agora como Mãe universal. Às bodas de Caná (Jo 2,1-11), ela se coloca entre a necessidade humana e o poder divino, pedindo: “*Eles não têm mais vinho.*” É o mesmo espírito de intercessão que moveu Ester, agora elevado à sua plenitude. Maria não fala muito,



mas age com delicadeza e fé. Sua presença silenciosa sustenta os discípulos no Calvário, como outrora a oração de Ester sustentou seu povo diante da morte.

Para o peregrino que caminha sob o sol e o peso da cruz, Maria é o consolo e a esperança. Ela é a “*Mulher vestida de sol*” (Ap 12,1), que acompanha cada passo e recolhe cada lágrima.

7 - Maria como nova Ester: Tipologia e Continuidade da História da Salvação

A leitura cristã tradicional — expressa pelos Padres, pela liturgia e pelo magistério — vê na história de Ester elementos que são cumpridos em Cristo e em Maria. Santo Irineu já formula a grande linha: pela desobediência de Eva entrou a morte; pela obediência de Maria veio a vida. A analogia com Ester amplia esse sentido: a mulher que salva o povo no Antigo Testamento encontra seu cumprimento na mulher que, por seu “sim”, traz o Salvador ao mundo.

O “sim” de Maria e a mediação salvadora. Ao dizer “*Eis-me aqui, a serva do Senhor*” (Lc 1,38), Maria assume uma disponibilidade que opera na história de maneira criativa e fecunda. Em Ester, vemos a disposição à morte que redime a comunidade; em Maria, a disposição à vida que engendra a redenção. Ambas são, por isso, mediadoras, cada qual em seu modo: Ester salva do extermínio político, Maria coopera com a vinda do Redentor. A espiritualidade católica chamou Maria de Mediatrix no sentido subordinado e participativo: sua mediação deriva e aponta para a mediação plena de Cristo (cf. Lumen Gentium, 62; Redemptoris Mater).

Onde Ester é literalmente rainha, Maria é verdadeiramente Mãe — de Cristo e de todos os que em Cristo são gerados. A maternidade de Maria não é meramente doméstica; é cósmica e sacramental: ela intervém, intercede e orienta a humanidade para a salvação. Papas e teólogos reiteraram que a maternidade espiritual de Maria é inseparável da mediação de Cristo (cf. João Paulo II, Redemptoris Mater).

Ambas demonstram que a verdadeira liderança e a verdadeira intercessão nascem da renúncia ao próprio conforto e da disponibilidade ao risco. Maria, no Magnificat (Lc 1,46–55), canta a inversão de valores, a exaltação dos humildes e a dispersão dos que se exaltam — uma teologia da reviravolta semelhante à providência que salva o povo em Ester.

A continuidade tipológica, portanto, não é mera semelhança literária, mas expressão da unidade do desígnio salvífico de Deus: figuras do Antigo Testamento prefiguram realizações no Novo, e as ações humanas alinhadas à vontade de Deus passam a ser sinais da sua presença.



8 - O Mistério da Intercessão Feminina

Ester e Maria revelam que o verdadeiro poder nasce da compaixão. Ambas representam a força discreta do amor, a fidelidade que transforma o destino. Deus age através da obediência e da ternura, não pela força dos impérios, mas pela fé das mulheres que se confiam a Ele.

No coração de Maria, a história de Ester encontra seu cumprimento. A rainha judia pediu pela vida temporal de seu povo; Maria intercede pela vida eterna da humanidade. Ester arriscou-se diante de um rei terreno; Maria apresenta-se diante do Rei do Universo. Ester entrou em um palácio de mármore; Maria habita o palácio do Espírito Santo.

A Igreja, em sua sabedoria, reconhece essa continuidade. No Magnificat, Maria canta a vitória dos humildes sobre os poderosos (Lc 1,51-53), o mesmo cântico de justiça e libertação que ecoa na voz de Ester. Ambas nos recordam que o caminho da salvação passa pela confiança total na misericórdia de Deus.

9 - Dimensão Teológica e Espiritual

Teologicamente, Ester é tipo (figura antecipatória) de Maria. Ambas são medianeiras em diferentes momentos da história da salvação. Ester prefigura a libertação temporal de Israel; Maria, a libertação espiritual da humanidade.

O Catecismo da Igreja Católica (n. 969) ensina: “*A Santíssima Virgem é invocada na Igreja sob os títulos de Advogada, Auxiliadora, Socorro e Medianeira.*” A função intercessora de Maria é, pois, o cumprimento perfeito da figura de Ester, que implora misericórdia diante do trono.

Na espiritualidade cristã, essa tipologia é celebrada na liturgia e na devoção popular. A oração do Rosário, por exemplo, é um eco do mesmo movimento de intercessão e confiança que marcou Ester: a súplica insistente que move o coração do Rei.

10 – Conclusões: Duas Mulheres, uma Única Esperança

Ester e Maria são duas mulheres erguidas pela graça divina para salvar o povo. A primeira, no palácio de Susã; a segunda, no humilde lar de Nazaré. Ambas viveram a mesma entrega: oferecer a própria vida para que o povo vivesse.

Na figura de Ester, Deus preparou a sombra do que haveria de vir; em Maria, revelou a plenitude do seu amor. A rainha que suplicou por Israel antecipa a Rainha do Céu que intercede por toda a humanidade.

Ao ler Ester com olhos marianos, o leitor cristão testemunha a continuidade do plano salvífico e descobre na figura feminina um espelho da maternidade divina que protege, intercede e conduz.

No paralelo entre Ester e Maria reconhece-se a continuidade da história da salvação: “*Como por uma mulher entrou a morte, assim também por uma mulher veio a vida*” (Santo Irineu, *Adversus Haereses* III,22). Maria, nova Eva e nova Ester, é o coração da nova criação, a Mãe que intercede incessantemente por seus filhos.

Que os peregrinos da esperança, ao contemplarem essas duas mulheres, aprendam que a salvação é sempre um ato de fé, coragem e ternura. E que, no coração de Maria, cada fiel encontre a mesma confiança que sustentou Ester diante do rei: a certeza de que “*quem confia no Senhor jamais será confundido*” (Sl 24,3).

11 – Referências Bibliográfica

AQUINO, São Tomás de. *Summa Theologica*. Disponível em: <https://www.newadvent.org/summa/3026.htm> Acesso em: 25/09/2025.

ÁVILA, Santa Teresa de. *Caminho de Perfeição*. São Paulo: Cultor de Livros. 2021.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus,2010.

BERGOGLIO, Jorge Mario (PAPA FRANCISCO). Homilia de 1º de janeiro de 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papafrancesco_20150101_omelia-giornata-mondiale-pace.html Acesso em: 12/09/2025.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola. 2000.

CLARAVAL, São Bernardo de. *Sermões sobre a natividade da virgem Maria*. Disponível em: <https://deg.paulus.com.br/7315.pdf> Acesso em: 10/08/2025.

_____. *Homilia sobre a Anunciação*. Disponível em: <https://pilulasliturgicas.blogspot.com/2021/03/homilia-solenidade-da-anunciacao-do.html> Acesso em: 25/09/2025.

CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium (Dogmatic Constitution on the Church)*. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_const_19641121_lumen-gentium_po.html Acesso em: 05/10/2025.

HIPONA, Santo Agostinho de. *A Virgindade Consagrada*. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/357634414/Santo-Agostinho-A-Virgindade-Consagrada> Acesso em: 12/10/2025.

LIÃO, São Irineu de. *Adversus Haereses* (Livro III). Disponível em: <http://centroculturalcampogrande.pt/patristica/pdfs/ireneu.liao.contra.heresias.iii.livro.pdf> Acesso em: 10/09/2025.

LIGÖRIO, Santo Afonso de. *As glórias de Maria*. 24.ed. Aparecida/SP: Santuário, 1989.

LOPES, Hernandes Dias. *Ester. A rainha da Pérsia*. São Paulo: Hagnos. 2025.



RATZINGER, Joseph. (PAPA BENTO XVI). *A filha de Sião: a devoção mariana na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2013.

_____. *Audiência Geral*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20120314.html Acesso em: 25/09/2025.

RATZINGER, Joseph (PAPA BENTO XVI).; BALTHASAR, Hans Urs. *Maria, primeira Igreja*. Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2004.

WOJTYLA, Karol Józef (SÃO JOÃO PAULO II). *Redemptoris Mater* (1987). Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.html Acesso em: 30/09/2025.



A Mulher Vestida de Sol: Maria, Símbolo Escatológico da Igreja e Vitória da Graça em Apocalipse 12

Maria Bernadete Miranda
mbernadetemiranda@gmail.com

“Na Mulher do Apocalipse, o amor vence a serpente e a luz de Deus cobre as trevas da história.”

Resumo

O capítulo 12 do Livro do Apocalipse revela, com intensidade simbólica e teológica, o centro espiritual da história da salvação. A visão da Mulher vestida de sol e do Dragão traduz o mistério do bem e do mal, da graça e do pecado, da Igreja peregrina e de Maria glorificada. Este artigo propõe uma leitura integral de Apocalipse 12, 1.5.13.15–16a, unindo análise teológica, simbólica e mariológica, à luz da Tradição e do Magistério da Igreja. A Mulher é contemplada como figura escatológica da Igreja e da humanidade fiel, mas sobretudo como Maria, Mãe do Redentor e Mãe da Igreja, ícone da vitória da graça e da fidelidade perfeita. A reflexão é sustentada pela Sagrada Escritura, pelos documentos do Magistério (em especial *Lumen Gentium*, *Dei Verbum*, *Verbum Domini*, *Marialis Cultus* e *Redemptoris Mater*) e pelos Santos Padres. Assim, a Mulher vestida de sol se manifesta como o sinal grandioso do amor de Deus que, através da humildade da Mãe de Cristo, vence o Dragão e introduz a criação na glória escatológica.

Abstract

Chapter 12 of the Book of Revelation reveals, with symbolic and theological intensity, the spiritual center of salvation history. The vision of the Woman clothed with the sun and the Dragon conveys the mystery of good and evil, grace and sin, the pilgrim Church, and the glorified Mary. This article proposes a comprehensive reading of Revelation 12:1.5.13.15–16a, combining theological, symbolic, and Mariological analyses in light of the Tradition and the Magisterium of the Church. The Woman is contemplated as an eschatological figure of the Church and of faithful humanity, but above all as Mary, Mother of the Redeemer and Mother of the Church, an icon of the victory of grace and perfect fidelity. This reflection is supported by Sacred Scripture, the documents of the Magisterium (especially *Lumen Gentium*, *Dei Verbum*, *Verbum Domini*, *Marialis Cultus*, and *Redemptoris Mater*), and the Holy Fathers. Thus, the Woman clothed with the sun manifests herself as the grand sign of God's love who, through the humility of the Mother of Christ, defeats the Dragon and introduces creation into eschatological glory.



1 – Introdução

O Livro do Apocalipse, última obra do cânon sagrado, encerra a história da revelação com uma linguagem de símbolos e visões. Longe de ser um livro de terror ou destruição, o Apocalipse é o livro da esperança — a revelação do triunfo do Cordeiro e da vitória da graça. No centro dessa teologia simbólica está a visão da Mulher vestida de sol, coroada de estrelas e perseguida pelo Dragão (Ap 12,1–16).

A imagem da Mulher representa o ápice da teologia da história. Nela, a Igreja reconhece a si mesma e, mais profundamente, contempla Maria Santíssima, em quem se realiza a plenitude da graça e a vitória do amor divino sobre o pecado (*Lumen Gentium*, §68). A Mulher não é apenas personagem mística: é o ícone escatológico do plano de Deus, o sinal da fidelidade e o reflexo da luz divina que vence as trevas do mundo.

Este estudo propõe uma leitura integral e contemplativa de Apocalipse 12, 1.5.13.15–16a, unindo análise histórico-literária e teológica. A Mulher vestida de sol será examinada em sua tripla dimensão: como figura de Maria, como imagem da Igreja e como arquétipo da humanidade fiel. O enfoque principal recairá sobre Maria como mulher escatológica e vitoriosa — aquela em quem a graça de Deus revela seu poder salvador no tempo e na eternidade.

2 - O Contexto Histórico e Simbólico do Apocalipse

O Apocalipse foi escrito no fim do século I, durante a perseguição do imperador Domiciano. São João, exilado na ilha de Patmos, dirige-se a comunidades cristãs perseguidas, oferecendo uma mensagem de consolo e esperança. Sua linguagem é simbólica, inspirada nos profetas (Daniel, Ezequiel, Isaías), e revela uma visão da história como combate entre o bem e o mal, cujo desfecho pertence a Deus (*Dei Verbum*, §12).

O capítulo 12 constitui o coração do livro. É uma espécie de evangelho dentro do Apocalipse, pois apresenta o nascimento do Messias, a perseguição do Dragão e a proteção divina sobre a Mulher. Essa tríade sintetiza todo o mistério da salvação: a Encarnação, a Redenção e a glorificação final.

São Tomás de Aquino ensina que “*os símbolos do Apocalipse velam e revelam, pois a luz divina é demasiadamente intensa para ser vista diretamente*” (*Summa Theologica*, I, q.1, a.9). Assim, cada imagem da Mulher — o sol, a lua, as estrelas, o deserto, o Dragão e o rio — é um véu luminoso, um espelho do mistério eterno manifestado no tempo.

3 – A Mulher Vestida de Sol: Maria na Plenitude da Graça

O versículo inaugural declara: “*Apareceu no céu um grande sinal: uma Mulher vestida de sol, tendo a lua debaixo dos pés e sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas*” (Ap 12,1).

O “grande sinal” (semeion mega) indica uma manifestação divina que transcende o tempo. O “céu” não é apenas o espaço sideral, mas o domínio espiritual onde se cumpre o plano de Deus. A Mulher vestida de sol é, portanto, a expressão da glória divina refletida numa criatura — a plenitude da graça em Maria (Lc 1,28).

São Bernardo de Claraval comenta que “*Maria é vestida de sol porque é revestida do próprio Cristo, Sol de Justiça*” (Homilia super Missus est). A luz que a envolve é a irradiação do Verbo que nela se encarnou. A lua sob os pés simboliza a vitória sobre a mutabilidade e a inconstância do mundo, enquanto a coroa de doze estrelas representa a plenitude do Povo de Deus — as doze tribos e os doze apóstolos — unificados na maternidade espiritual de Maria (Catecismo da Igreja Católica, §1138).

Maria é o templo da graça, o espaço onde Deus habita. Sua figura celestial no Apocalipse reflete o mistério da Assunção: “*Elevada ao céu em corpo e alma, Maria é exaltada pelo Senhor como Rainha do universo*” (Pio XII, Munificentissimus Deus, 1950). Nela, a Igreja contempla antecipadamente o destino glorioso que a aguarda.

4 - A Maternidade Messianica: O Filho e o Dragão

O versículo 5 prossegue: “*Ela deu à luz um Filho, um varão, que há de reger todas as nações com cetro de ferro, e seu Filho foi arrebatado para junto de Deus e do seu trono.*” A referência ao Salmo 2,9 indica o cumprimento da promessa messiânica: o Filho é Cristo, o Rei das nações.

O nascimento do Filho no Apocalipse é uma leitura simbólica da Encarnação e da vitória pascal. O Dragão — “*a antiga serpente, chamada diabo e Satanás*” (Ap 12,9) — representa o poder do mal que tenta frustrar o plano divino desde Gênesis 3. O Apocalipse mostra a continuidade desse combate, agora travado na dimensão espiritual da história. Maria está no centro desse mistério. Em sua maternidade divina se manifesta o início da derrota do mal. “*Desde o fiat da Anunciação, a mulher participa da luta contra a serpente*” (João Paulo II, Redemptoris Mater, §24). A mulher que dá à luz é, portanto, a mesma que está aos pés da cruz e que aparece gloriosa no Apocalipse: Maria, mãe do Cristo e mãe dos redimidos.

5. O Deserto e a Igreja Peregrina

Após o arrebatamento do Filho, “*a mulher fugiu para o deserto, onde Deus lhe tinha preparado um lugar*” (Ap 12,6). O deserto é símbolo ambíguo: lugar de provação, mas também de encontro com Deus. No Antigo Testamento, o deserto foi o espaço da purificação e da aliança.

Santo Agostinho interpreta essa passagem dizendo: “*O deserto é o tempo da Igreja, peregrina entre as perseguições do mundo e as consolações de Deus*” (De Civitate Dei, XVIII,51). Maria, figura da Igreja, é conduzida pela Providência mesmo quando parece abandonada.

O deserto é o lugar da fé. Na escatologia cristã, representa o tempo presente — entre a Ascensão e a Parusia — em que a Igreja, como Maria, confia silenciosamente em Deus. “*A Mulher, sustentada pelas asas da grande águia*” (Ap 12,14), é imagem da proteção divina. São Gregório Magno vê nas asas “*a contemplação e a ação*” (Moralia in Job, XXXII), as duas forças que sustentam a vida da Igreja.

6 - O Dragão Perseguindo a Mulher: O Mistério da Oposição

O versículo 13 mostra o Dragão perseguindo a Mulher após ser precipitado na terra. Essa perseguição é constante na história da Igreja e na vida dos santos. É o ódio da serpente contra a descendência da Mulher (Gn 3,15).

O Apocalipse retoma a profecia do Gênesis e a cumpre plenamente. A “inimizade” estabelecida por Deus entre a mulher e a serpente atinge sua plenitude em Maria Imaculada. Ela é a mulher totalmente fiel, na qual o pecado não tem poder. “*Nela, a vitória de Cristo sobre o mal se manifesta de modo perfeito*” (Catecismo da Igreja Católica, §2853).

Quando o Dragão é lançado na terra, significa que o mal é vencido no céu — ou seja, na dimensão divina da história —, mas continua a agir no mundo. Maria, como figura da Igreja, continua a luta, sustentando os fiéis com sua intercessão. “*Assim como Maria acompanhou Cristo na cruz, ela acompanha a Igreja na tribulação*” (Bento XVI, Verbum Domini, §27).

7 - As Águas do Dragão e a Terra que Socorre a Mulher

Nos versículos 15–16a, o Dragão lança da boca um rio de águas para submergir a Mulher. As águas representam, na simbologia bíblica, o caos e as forças hostis à vida (Sl 18,5). São Gregório Magno interpreta o rio como “*as doutrinas falsas e as perseguições que tentam arrastar a Igreja*” (Moralia in Job, XXXIII).

Mas a terra vem em socorro da Mulher, engolindo o rio. Esse gesto da criação simboliza a vitória da Providência sobre o mal. O cosmos, longe de ser neutro, participa da redenção. “*Toda a criação geme em dores de parto, esperando a manifestação dos filhos de Deus*” (Rm 8,22).

Em leitura mariológica, a terra que socorre a Mulher é figura da Imaculada Conceição. Maria foi preservada do mal pela graça proveniente de Deus. Assim como a terra pura acolheu o corpo de Cristo, Maria é a terra nova que acolhe o Verbo sem mancha. “*A Mulher vestida de sol é a Imaculada, na qual o Dragão nada pôde*” (Paulo VI, Marialis Cultus, §57).



8 - A Mulher e a Dimensão Escatológica da História

A Mulher do Apocalipse é o grande ícone escatológico da esperança. Em Maria, o futuro da Igreja já se cumpre. “*Elevada à glória celeste, Maria resplandece como sinal seguro de esperança e consolação para o povo de Deus ainda peregrino*” (Lumen Gentium, §68).

A escatologia cristã não é mera expectativa do fim, mas a certeza da vitória da graça. Em Maria, a humanidade já alcançou sua plenitude. Ela é o primeiro fruto da redenção, a aurora do novo céu e da nova terra.

São Luís Maria Grignion de Montfort declara: “*Maria é o eco de Deus: se dizes ‘Maria’, ela responde ‘Deus’*” (Tratado da Verdadeira Devoção, n. 225). O Apocalipse 12 é, portanto, uma revelação de amor trinitário: o Pai gera o Filho na eternidade, o Filho nasce da Mulher no tempo, e o Espírito Santo envolve tudo em luz.

9 - Maria, Mãe da Igreja e Mulher Fiel

A mulher fiel do Apocalipse é também a mãe espiritual dos redimidos. “*O Dragão irritou-se contra a Mulher e foi fazer guerra ao resto de sua descendência, aos que guardam os mandamentos de Deus*” (Ap 12,17). A descendência da Mulher são os cristãos, filhos da graça.

Maria, portanto, não é apenas personagem do passado, mas presença materna no hoje da Igreja. João Paulo II recorda: “*A maternidade de Maria perdura na Igreja, que continua a gerar filhos para Deus*” (Redemptoris Mater, §44).

Em cada fiel que resiste ao mal, a Mulher vestida de sol triunfa novamente. Sua luz é a vitória da fé sobre a dúvida, da esperança sobre o desespero, do amor sobre o ódio. O Apocalipse nos revela que a história é o campo da maternidade espiritual de Maria, até que o Cristo seja plenamente formado nos corações (Gl 4,19).

10 – Conclusões

Apocalipse 12 é uma síntese luminosa da história da salvação. A Mulher vestida de sol representa Maria em sua plenitude gloriosa e, ao mesmo tempo, a Igreja fiel e a humanidade redimida. Os símbolos — o sol, a lua, as estrelas, o deserto, o rio e a terra — compõem um mosaico teológico da vitória da graça.

Em Maria, contemplamos o destino final da Igreja: ser revestida de luz, coroada de glória e livre do mal. A Mulher do Apocalipse é, assim, o grande sinal da esperança cristã. O Dragão continua a lutar, mas já está derrotado; a Mulher, sustentada por Deus, permanece vitoriosa.

Como afirma Santo Agostinho, “*a Cidade de Deus vence não pela força, mas pela fidelidade*” (De Civitate Dei, XIX, 8). A Mulher vestida de sol é o rosto dessa fidelidade. Sua presença no céu é promessa e profecia: o amor de Deus triunfará, e Maria, Mãe da Igreja, permanecerá como sinal luminoso da vitória da graça na eternidade.

11 – Referências Bibliográfica

AQUINO, São Tomás de. *Summa Theologica*. Disponível em:
<https://www.newadvent.org/summa/3026.htm> Acesso em: 10/10/2025.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2010.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

CLARAVAL, São Bernardo de. *Homilia super Missus est*.

CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium (Dogmatic Constitution on the Church)*. Disponível em:
https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_const_19641121_lumen-gentium_po.html Acesso em: 05/10/2025.

_____. *Dei Verbum. Sobre a revelação divina*. Disponível em:
https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html Acesso em: 12/10/2025.

HIPONA, Santo Agostinho de. *A Cidade de Deus*. Disponível em:
<http://www.centroculturalcampogrande.pt/pdfs/a.cidade.de.deus.parte2.pdf> Acesso em: 12/10/2025.

MAGNO, São Gregório. *Moralia in Job*. Campinas S/P: Sacro Elóqui, 2020.

MONTFORT. São Luís Maria Grignion de. *Tratado da Verdadeira Devocão à Santíssima Virgem*. Rio Bonito S/P: Verbo Encarnado, 2022.

MONTINI, Giovanni Battista Enrico Antonio (PAPA PAULO VI). *Marialis Cultus* (1974). Disponível em:
https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html Acesso em: 12/10/2025.

PACELLI, Eugenio Maria Giuseppe Giovanni (PAPA PIO XII). *Munificentissimus Deus* (1950). Disponível em:
https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/apost_constitutions/documents/hf_p-xii_apc_19501101_munificentissimus-deus.html Acesso em: 15/10/2025.

RATZINGER, Joseph. (PAPA BENTO XVI). *Verbum domini*. Disponível em:
https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html Acesso em: 02/10/2025.

WOJTYLA, Karol Józef (SÃO JOÃO PAULO II). *Redemptores Mater*. Disponível em:
https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jpii_enc_25031987_redemptoris-mater.html Acesso em: 12/10/2025.



A Devocão a Nossa Senhora Aparecida: Perspectivas Históricas e Teológicas

Luiz Eduardo Miranda José Rodrigues
luiazerodesign@gmail.com

*“Sob o manto azul de Aparecida, o mistério da graça se faz história,
e a história do povo se torna oração.”*

Resumo

O presente artigo aborda a história, a veneração e a espiritualidade relacionadas a Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil, sob a ótica da Igreja Católica Apostólica Romana. Inicia-se com o relato histórico do encontro da pequena imagem nas águas do rio Paraíba do Sul, enfatizando o contexto social e religioso do início do século XVIII e os primeiros sinais de devoção popular. Em seguida, examina-se a consolidação do culto, a construção de santuários e a oficialização do título de Padroeira do Brasil, mostrando como a fé mariana se entrelaçou à identidade cultural e espiritual da nação.

O artigo aprofunda a reflexão teológica sobre a figura de Maria, destacando sua maternidade espiritual, sua função mediadora em relação a Cristo e sua presença consoladora na vida do povo brasileiro. São analisadas, ainda, as manifestações concretas dessa devoção: peregrinações, celebrações litúrgicas, obras de caridade e o impacto na religiosidade popular, evidenciando como a fé mariana transforma a experiência cotidiana dos fiéis. Ao longo do texto, busca-se articular uma perspectiva devocional e histórica, demonstrando que a Mãe Aparecida é um ícone da misericórdia divina, da esperança cristã e da união do povo sob o olhar maternal de Maria.

O estudo conclui que a devoção a Nossa Senhora Aparecida é simultaneamente expressão da fé popular e fenômeno teológico, revelando a ação de Deus na história do Brasil e a centralidade de Maria como guia espiritual, modelo de humildade e intercessora de todos os fiéis. A Padroeira do Brasil é, assim, testemunho vivo da graça divina que se manifesta nas realidades concretas do povo, conduzindo-o sempre a Cristo e fortalecendo sua identidade e esperança na fé católica.

Abstract

This article explores the history, veneration, and spirituality associated with Our Lady of Aparecida, the Patroness of Brazil, from the perspective of the Roman Catholic Church. It begins with the historical account of the small statue found in the waters of the Paraíba do Sul River, highlighting the social and religious context of early eighteenth-century Brazil and the initial signs of popular devotion. It then examines the consolidation of her cult, the construction of shrines, and the official recognition of her title as Patroness of Brazil, illustrating how Marian devotion became intertwined with the nation's cultural and spiritual identity.



The article delves into the theological reflection on Mary, emphasizing her spiritual motherhood, her mediating role in relation to Christ, and her consoling presence in the life of the Brazilian people. Concrete expressions of this devotion—pilgrimages, liturgical celebrations, charitable works, and the impact on popular religiosity—are also analyzed, showing how Marian faith transforms the daily experiences of the faithful. Throughout the text, both devotional and historical perspectives are articulated, demonstrating that Our Lady of Aparecida is an icon of divine mercy, Christian hope, and unity under Mary's maternal care.

The study concludes that devotion to Our Lady of Aparecida is simultaneously an expression of popular faith and a theological phenomenon, revealing God's action in Brazilian history and Mary's central role as a spiritual guide, model of humility, and intercessor for all believers. The Patroness of Brazil thus stands as a living witness to the divine grace manifested in the concrete realities of the people, continually leading them to Christ and strengthening their identity and hope in the Catholic faith.

1 – Introdução

A história de Nossa Senhora Aparecida é mais do que um simples episódio da religiosidade popular; é uma manifestação profunda da presença amorosa de Deus na vida do seu povo, revelada através da ternura materna da Virgem Maria. A devoção à Mãe Aparecida ocupa um lugar central na espiritualidade do Brasil, sendo não apenas um símbolo de fé, mas também um elemento de identidade nacional que une pessoas de todas as regiões, raças e classes sociais. Em cada olhar voltado para sua imagem, encontra-se a esperança que renasce, a confiança que se restaura e a fé que se renova. A figura de Maria, sob o título de Aparecida, é o reflexo vivo da graça divina que se manifesta na simplicidade dos corações humildes e crentes, recordando as palavras do Magnificat: “Exultou de alegria o meu espírito em Deus, meu Salvador, porque olhou para a humildade de sua serva” (Lc 1,46-48).

A devoção a Nossa Senhora Aparecida tem suas raízes em um acontecimento histórico datado de 1717, quando três pescadores, ao lançarem suas redes nas águas do rio Paraíba do Sul, encontraram o corpo e depois a cabeça de uma pequena imagem da Imaculada Conceição. A partir desse instante, uma série de sinais e milagres começou a ser atribuída à intercessão daquela que o povo, com amor e simplicidade, passou a chamar de “Aparecida”. O surgimento da imagem nas águas não é um fato isolado, mas um evento carregado de significado espiritual e teológico. Assim como Maria apareceu na história da salvação para trazer ao mundo o Salvador, a imagem “aparecida” nas águas simboliza a presença materna de Deus emergindo na vida cotidiana do seu povo, um sinal de que o amor divino se manifesta onde há fé, esperança e entrega confiante.

A tradição católica sempre reconheceu em Maria a mulher que, pela sua fé inabalável, se tornou colaboradora íntima do plano redentor de Deus. O Concílio Vaticano II, na constituição *Lumen Gentium*, afirma que “a Bem-Aventurada Virgem foi predestinada desde toda a eternidade, como Mãe de Deus, juntamente com a Encarnação do Verbo divino” (LG 61), e que “foi exaltada pelo Senhor como Rainha do Universo, para ser mais plenamente conforme a seu Filho” (LG 59). A devoção a Nossa Senhora Aparecida, portanto, encontra seu fundamento mais profundo na própria teologia mariana da Igreja: venerar Maria é reconhecer a obra de Deus nela realizada, e é por meio dessa veneração que o fiel se aproxima de Cristo. Na piedade popular brasileira, essa dimensão teológica se entrelaça à experiência espiritual do povo, que, ao dirigir-se à Mãe Aparecida, encontra consolo, proteção e intercessão.

A presença de Maria sob o título de Aparecida foi gradualmente se consolidando como expressão do amor maternal de Deus por uma nação marcada pela fé e pela diversidade. Ao longo dos séculos, sua devoção cresceu e ultrapassou as fronteiras regionais, tornando-se um símbolo de unidade nacional e um testemunho da vitalidade da Igreja Católica no Brasil. A proclamação de Nossa Senhora Aparecida como Padroeira do Brasil pelo Papa Pio XI, em 1930, foi o reconhecimento eclesial desse vínculo espiritual entre Maria e o povo brasileiro. Desde então, a imagem negra e singela da Mãe Aparecida tem sido um sinal eloquente da predileção divina pelos humildes e marginalizados, uma lembrança de que “Deus derruba os poderosos de seus tronos e exalta os humildes” (Lc 1,52).

Este artigo propõe-se, portanto, a analisar a história, a teologia e a espiritualidade que envolvem a devoção a Nossa Senhora Aparecida sob a ótica da Igreja Católica Apostólica Romana. A investigação busca compreender o significado desse culto mariano à luz da Tradição e do Magistério, interpretando a devoção como expressão autêntica da fé cristã e como caminho de encontro com Cristo. Nesse percurso, o estudo abordará as origens históricas da devoção, o desenvolvimento do culto, a dimensão teológica e mariológica, o papel pastoral da Igreja e a mensagem espiritual que a Mãe Aparecida transmite aos fiéis. Mais do que um exercício teológico, este trabalho é também um convite à contemplação do mistério de Maria como Mãe, Discípula e Serva, aquela que continua a dizer com ternura e firmeza ao coração de cada fiel: “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5).

2 – A Descoberta da Imagem e os Primórdios da Devoção

O início da devoção a Nossa Senhora Aparecida está intimamente ligado a um episódio simples e misterioso que se tornou um marco na história espiritual do Brasil. Em outubro de 1717, na vila de Guaratinguetá, no Vale do Paraíba, três pescadores — Domingos Garcia, Filipe Pedrosa e João Alves — foram encarregados de fornecer peixe para um banquete em homenagem ao Conde de Assumar, Dom Pedro de Almeida e Portugal, então Governador da Capitania de São Paulo e Minas de Ouro. As águas



do rio Paraíba do Sul, contudo, pareciam estéreis, e a pesca infrutífera refletia o cansaço e a incerteza daqueles homens humildes. Foi então que, ao lançarem suas redes uma vez mais, retiraram das águas o corpo de uma pequena imagem de terracota escurecida pelo tempo; em seguida, lançando novamente as redes, encontraram a cabeça que completava a peça. Após unirem as partes, continuaram a pesca e, para espanto e alegria de todos, os peixes começaram a abundar nas redes, enchendo o barco.

Aquele acontecimento simples, marcado pela fé e pela surpresa, foi interpretado como um sinal da presença de Deus por meio da intercessão de Maria. A imagem, de cerca de 40 centímetros de altura, representava a Imaculada Conceição, título sob o qual Maria é venerada desde os primórdios do cristianismo. A cor escura da imagem, resultado provável da ação do tempo e do lodo do rio, adquiriu um significado profundo para o povo brasileiro: uma Maria próxima, identificada com o rosto mestiço e sofrido de sua gente. A partir daquele momento, o pequeno grupo de pescadores e suas famílias passou a reunir-se em oração diante da imagem, iniciando uma devoção que rapidamente se espalhou pela região.

O acontecimento da pesca milagrosa e o encontro da imagem constituem, sob o olhar teológico da Igreja, um sinal de epifania — uma manifestação da graça divina em meio à simplicidade do cotidiano. Assim como no Evangelho de Lucas, em que o anjo Gabriel anuncia a Maria que “para Deus nada é impossível” (Lc 1,37), também o episódio de Aparecida revela que a fé do povo humilde é o terreno fértil onde Deus manifesta sua presença. O Papa João Paulo II, em sua homilia no Santuário Nacional de Aparecida, em 4 de julho de 1980, afirmou: “Neste lugar santo, Maria manifesta-se como Mãe do povo brasileiro, conduzindo-o à fé, à esperança e à caridade.” O milagre da pesca abundante, portanto, não é apenas um evento prodigioso, mas uma catequese viva sobre a confiança em Deus e sobre o poder da intercessão de Maria.

A devoção a Nossa Senhora Aparecida foi se fortalecendo nas décadas seguintes, primeiro em pequenas reuniões familiares e depois em celebrações comunitárias. A imagem permaneceu por anos na casa de Filipe Pedroso, onde se formou um oratório doméstico que logo se transformou em local de peregrinação. O povo acorria de longe para rezar, agradecer e pedir graças. Com o aumento da devoção, construiu-se uma capela modesta, e as narrativas dos milagres começaram a circular oralmente, transmitidas de geração em geração. Entre os mais conhecidos, destaca-se o milagre da corrente quebrada quando um escravo fugitivo, ao ser recapturado e amarrado com correntes diante da imagem, viu suas amarras se soltarem milagrosamente. Esse episódio, carregado de simbolismo, foi interpretado pelo povo como um sinal da libertação espiritual e da dignidade que Maria, Mãe de todos, oferece especialmente aos pobres e oprimidos.

A partir de uma perspectiva teológica, esses primeiros acontecimentos expressam de forma concreta o que a Igreja reconhece como a *manifestação da fé do povo de Deus*. O *Diretório sobre a*

Piedade Popular e a Liturgia (2002), documento da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, ensina que a religiosidade popular “exprime um sentido inato de Deus e uma capacidade espontânea de perceber sua presença e ação” (§9). Em Aparecida, essa dimensão é evidente: o encontro da imagem, os milagres, as orações e a propagação da devoção revelam a fé de um povo que reconhece, na Mãe de Jesus, a intercessora atenta às necessidades humanas.

A imagem, mesmo sendo pequena e simples, adquiriu uma força simbólica imensurável. Sua coloração escura, longe de ser um detalhe material, tornou-se um ícone teológico e social. Representa a maternidade universal de Maria, que acolhe todos os filhos sem distinção, e evoca, ao mesmo tempo, a identidade do povo brasileiro, marcado pela mistura de raças, pela luta, pela esperança e pela fé. Na leitura espiritual da Igreja, essa particularidade faz de Nossa Senhora Aparecida um sinal de inculturação do Evangelho — um modo como a graça de Deus assume a forma e o rosto de um povo concreto. Como ensina o Papa Francisco na exortação *Evangelii Gaudium*, “a piedade popular é uma força ativamente evangelizadora, portadora de valores da fé que devem ser respeitados e promovidos” (§122).

Assim, o episódio da descoberta da imagem de Nossa Senhora Aparecida transcende a história e se transforma em teologia viva. Ele manifesta a ação providente de Deus que, através de Maria, alcança os humildes e transforma realidades simples em sinais de salvação. O rio Paraíba, que acolheu e devolveu ao povo a pequena imagem, torna-se símbolo das águas do Batismo que regeneram a fé e renovam o coração do Brasil. Desde aquele momento, a Mãe Aparecida começou a guiar espiritualmente o povo brasileiro, revelando que o amor de Deus se manifesta, sobretudo, na ternura da Mãe que nunca abandona seus filhos.

3 – A Consolidação de Nossa Senhora Aparecida e a Devoção Nacional

O século XVIII marcou não apenas a descoberta da imagem de Nossa Senhora Aparecida nas águas do rio Paraíba do Sul, mas também o início de uma devoção que, pouco a pouco, cresceu e se enraizou no coração do povo brasileiro. O encontro daquela pequena imagem de terracota, humilde e coberta de lama, tornou-se símbolo de uma presença divina que se revela aos simples e marginalizados, um eco da própria mensagem evangélica. Assim como Maria foi encontrada na simplicidade de Nazaré, também foi “aparecida” nas mãos de pescadores pobres, o que conferiu à devoção um caráter profundamente popular e inclusivo. A Igreja Católica, atenta a esse movimento de fé espontânea, gradualmente reconheceu na devoção a expressão autêntica da religiosidade do povo, digna de acolhimento e orientação pastoral.

Ao longo do século XIX, a devoção a Nossa Senhora Aparecida se expandiu para além das margens do Paraíba, acompanhando o desenvolvimento do Brasil enquanto nação independente. Em

1822, com a proclamação da Independência, a jovem pátria buscava símbolos de unidade e proteção. A Mãe Aparecida, já venerada por fiéis e peregrinos, começou a ser vista como uma intercessora não apenas pessoal, mas nacional. Santuários improvisados foram sendo substituídos por construções mais sólidas, e o fluxo de romarias cresceu em intensidade e fervor. A Igreja, reconhecendo a importância dessa manifestação de fé, deu os primeiros passos rumo à institucionalização do culto, legitimando o que o coração do povo já havia consagrado. Nesse período, a devoção mariana assumiu também um papel de resistência espiritual diante das dificuldades políticas e sociais do Brasil Império, fortalecendo a identidade católica do país.

O século XX representou o amadurecimento pleno dessa devoção. Em 1904, a imagem de Nossa Senhora Aparecida foi solenemente coroada por decreto do Papa Pio X, em uma cerimônia marcada por profunda emoção e pela presença de milhares de fiéis. Tal coroação simbolizou o reconhecimento oficial da Igreja Católica à realeza espiritual de Maria sobre o Brasil. Posteriormente, em 1930, o Papa Pio XI proclamou Nossa Senhora Aparecida como Padroeira do Brasil, elevando a devoção a um patamar nacional e eclesial. Este ato pontifício foi não apenas uma honraria simbólica, mas um testemunho da íntima ligação entre o povo brasileiro e a Mãe de Deus. A partir desse momento, a história da nação e a história da fé mariana se entrelaçaram de modo indissolúvel, e o nome de Aparecida passou a representar um ponto de convergência entre fé, cultura e identidade nacional.

Com o passar das décadas, a consolidação do culto se traduziu em grandes obras e gestos concretos de fé. A construção da nova Basílica Nacional, iniciada em 1955 e concluída no final do século XX, foi expressão visível da grandiosidade espiritual que Nossa Senhora Aparecida alcançou no coração do povo brasileiro. A Basílica, hoje o maior santuário mariano do mundo depois de Guadalupe, não é apenas um templo de pedra e tijolos, mas um símbolo da casa materna onde todos os brasileiros se encontram. Ali, a Mãe de Deus acolhe peregrinos de todas as origens, credos e condições, revelando, por meio da sua presença silenciosa, o amor universal e inclusivo de Cristo. O Santuário Nacional, administrado com zelo pastoral pelos missionários redentoristas desde o século XIX, tornou-se o coração pulsante da devoção mariana no Brasil, irradiando espiritualidade, solidariedade e evangelização.

A consolidação do culto de Nossa Senhora Aparecida, portanto, não pode ser compreendida apenas como um fenômeno religioso popular, mas como um movimento teológico e cultural que expressa a busca do povo brasileiro por sentido, identidade e proteção sob o olhar materno de Maria. A Igreja Católica, através de seus papas e bispos, reconheceu na fé simples do povo um verdadeiro “sensus fidei”, ou seja, um instinto espiritual que conduz os fiéis ao coração da verdade revelada. Essa harmonia entre o sensus fidei e o magistério da Igreja é um testemunho da ação do Espírito Santo, que conduz a fé popular à maturidade eclesial. O Papa João Paulo II, em sua visita a Aparecida em 1980, reafirmou esse

vínculo sagrado ao dizer: “Com a vossa Mãe Aparecida, o Brasil será sempre um povo de Deus, fiel ao Evangelho e ao amor de Cristo”.

Assim, a devoção nacional a Nossa Senhora Aparecida tornou-se um dos pilares espirituais da identidade brasileira, unindo fé e cultura, história e esperança. Em cada romaria, em cada vela acesa diante da imagem, o povo renova sua confiança na intercessão daquela que é “cheia de graça”. A consolidação do culto à Mãe Aparecida revela, portanto, que a verdadeira devoção mariana conduz sempre a Cristo, como recorda o Concílio Vaticano II na *Lumen Gentium* (n. 66): “Maria, pela sua maternal caridade, cuida dos irmãos de seu Filho, que ainda peregrinam e se acham em perigos e ansiedades até que sejam conduzidos à pátria bem-aventurada.” Assim, sob o manto azul de Nossa Senhora Aparecida, o Brasil continua a peregrinar, confiante de que, com Maria, chegará mais plenamente a Cristo.

4 - A Mensagem Teológica e Mariana da Devoção

A devoção a Nossa Senhora Aparecida é, antes de tudo, uma expressão viva da teologia mariana, que vê em Maria o modelo perfeito da criatura humana em comunhão com Deus e em total disponibilidade à graça divina. A figura de Maria, sob o título de Aparecida, reflete com especial força a mensagem central do Evangelho: a presença de Deus se manifesta nos pequenos, nos humildes e nos que confiam plenamente em sua misericórdia. A imagem negra, encontrada nas águas por pescadores simples, não é apenas um símbolo histórico, mas uma epifania da proximidade divina com os mais pobres. Em seu silêncio e pequenez, a Mãe Aparecida recorda que o poder de Deus se revela na fraqueza, e que sua glória se manifesta na simplicidade da fé.

A Igreja Católica, em sua tradição teológica, ensina que Maria é o “ícone escatológico” da humanidade redimida, aquela que, assumida aos céus, mostra o destino final de todos os que se unem a Cristo. Na devoção a Nossa Senhora Aparecida, essa verdade é contemplada sob uma forma concreta e encarnada na realidade brasileira. O povo vê em Maria não apenas a Rainha gloriosa do céu, mas a Mãe que caminha com seus filhos nas lutas e sofrimentos da vida. Essa dimensão mariana da fé revela uma teologia da encarnação vivida no cotidiano, na qual a presença de Maria não é distante, mas terna, próxima e solidária. A experiência devocional do povo brasileiro confirma o ensinamento do Concílio Vaticano II, na *Lumen Gentium* (n. 62), quando afirma que Maria “continua a interceder pelos irmãos de seu Filho, que ainda peregrinam na terra, cercados de perigos e dificuldades, até que sejam conduzidos à pátria bem-aventurada”.

A teologia mariana de Nossa Senhora Aparecida está intimamente ligada à sua dimensão cristológica. Maria nunca é o fim último da devoção, mas o caminho que conduz a Cristo, como ensina

o princípio mariano “Ad Iesum per Mariam” — *A Jesus por Maria*. Cada gesto de fé, cada prece dirigida à Mãe Aparecida, encontra seu cumprimento em seu Filho, o Redentor. O título de “Aparecida” evoca não apenas o fato histórico da aparição da imagem, mas também o sentido espiritual de uma presença revelada: Maria aparece, ou melhor, é manifestada, para conduzir os corações a uma fé mais profunda em Deus. Ela é o “sinal” (cf. Lc 2,34) que aponta para Cristo, e sua missão materna é fazer com que os fiéis redescubram a alegria de seguir o Evangelho com simplicidade e amor.

A cor escura da imagem, marcada pelo tempo e pelas águas do rio, também possui um valor simbólico e teológico de grande profundidade. Para muitos teólogos e pastores, essa tonalidade representa a identificação de Maria com os pobres, com os marginalizados e com a diversidade do povo brasileiro. Em um país formado por tantas raças, culturas e realidades sociais, a imagem negra de Nossa Senhora Aparecida revela uma Mãe universal, que acolhe todos os seus filhos sem distinção. Ela é a Mãe da Igreja e da humanidade, como proclamou o Papa Paulo VI na *Marialis Cultus* (n. 56), quando afirmou que “Maria é a Mãe de todos os homens, porque, unida ao novo Adão, cooperou de modo singular para a regeneração espiritual da humanidade”. Assim, a Mãe Aparecida, em sua simplicidade, reflete a teologia do amor inclusivo de Deus e convida todos os fiéis a viverem a fraternidade como expressão concreta do Evangelho.

No coração da mensagem teológica da devoção a Nossa Senhora Aparecida está o tema da esperança. A aparição da imagem nas águas do rio Paraíba, logo após tentativas frustradas de pesca, representa a irrupção da graça divina em meio ao desespero humano. É um sinal de que Deus age quando as forças humanas se esgotam, e que a fé perseverante é sempre recompensada. Essa mensagem é profundamente bíblica, recordando episódios como o de Pedro e os pescadores no lago de Genesaré (Lc 5,1-11), onde, após uma noite sem frutos, a obediência à palavra de Cristo trouxe abundância. A devoção a Aparecida convida, portanto, à confiança inabalável na providência divina e à certeza de que, nas horas mais escuras, Maria aparece como sinal da esperança que não decepciona (cf. Rm 5,5).

Do ponto de vista espiritual, a devoção à Mãe Aparecida é uma escola de vida cristã. Ela ensina a humildade, a confiança e a entrega total à vontade de Deus. Ao contemplar sua imagem, os fiéis são chamados a imitar suas virtudes: a escuta atenta da Palavra, a fé firme mesmo nas provações e a caridade ativa que se traduz em serviço aos irmãos. A Mãe Aparecida é o espelho da Igreja e o modelo de discipulado, como recorda o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* (n. 288): “Como verdadeira mãe, caminha conosco, luta conosco e derrama incessantemente a proximidade do amor de Deus”. Assim, a devoção mariana não é fuga do mundo, mas impulso missionário, uma espiritualidade que transforma o coração e inspira ações concretas de amor e justiça.

Por fim, a mensagem teológica de Nossa Senhora Aparecida é uma mensagem de unidade. Em um país marcado por contrastes e desafios sociais, Maria surge como sinal de reconciliação e comunhão. Sob o seu manto, o povo encontra abrigo e consolo; na sua intercessão, encontra força e renovação espiritual. Sua presença é um lembrete constante de que a Igreja é chamada a ser “casa e escola de comunhão” (São João Paulo II, *Novo Millennio Ineunte*, n. 43), e que a verdadeira devoção mariana leva sempre ao compromisso com o Evangelho e com o próximo. Nossa Senhora Aparecida, portanto, não é apenas a Padroeira do Brasil, mas o ícone da fé viva de um povo que, em meio às águas da história, encontra nela a Mãe que aparece para conduzir à luz de Cristo.

5 - A presença de Nossa Senhora Aparecida na Vida e na Espiritualidade do Povo Brasileiro

A presença de Nossa Senhora Aparecida na vida do povo brasileiro ultrapassa os limites da devoção religiosa e se inscreve na própria alma nacional. Desde o momento de sua aparição nas águas do rio Paraíba, a pequena imagem tornou-se companheira inseparável da história do Brasil, presente nas alegrias, nas dores e nas esperanças de milhões de fiéis. A devoção à Mãe Aparecida se confunde com o pulsar da fé cotidiana: está nas procissões que percorrem as ruas das cidades, nas pequenas capelas de beira de estrada, nos oratórios das casas simples e nas grandes romarias ao Santuário Nacional. É uma fé que se expressa em gestos humildes — uma vela acesa, uma prece silenciosa, uma lágrima de gratidão — e que revela uma profunda confiança na presença maternal de Maria. A “Senhora Aparecida” é vista como aquela que comprehende as dores do povo e que, como intercessora fiel, apresenta seus filhos ao coração misericordioso de Cristo.

Na espiritualidade popular, Nossa Senhora Aparecida é invocada em todos os momentos da vida: no nascimento das crianças, nas doenças, nas dificuldades financeiras, nos perigos da estrada e até nos momentos de decisão e de vocação. O povo brasileiro aprendeu a confiar na Mãe Aparecida como um reflexo do amor divino que não abandona ninguém. Essa confiança filial tem raízes teológicas profundas, pois expressa o reconhecimento da maternidade espiritual de Maria, ensinada pela Igreja desde os primeiros séculos do cristianismo. O Concílio Vaticano II, na *Lumen Gentium* (n. 62), recorda que “esta maternidade de Maria na ordem da graça perdura sem cessar, desde o consentimento que fielmente deu na Anunciação e que manteve sem hesitação junto à cruz”. A presença de Aparecida é, portanto, a atualização contínua dessa maternidade espiritual, vivida no coração do povo que recorre à sua proteção.

A espiritualidade mariana em torno de Nossa Senhora Aparecida é marcada por uma profunda dimensão comunitária. A romaria ao Santuário Nacional é uma das expressões mais belas dessa fé partilhada. Milhares de peregrinos percorrem longas distâncias a pé, de bicicleta, a cavalo ou de carro, movidos por promessas, agradecimentos ou simples desejo de estar diante da Mãe. Cada peregrinação é

uma catequese viva: o esforço, o silêncio, o canto e a oração transformam o caminho em um verdadeiro itinerário espiritual. O Papa Francisco, em sua homilia no Santuário Nacional em 2013, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude, afirmou que “Aparecida é o coração mariano do Brasil; é o lugar onde o povo encontra refúgio e esperança, onde Maria ensina a perseverar na fé e a confiar na providência de Deus”. Essas palavras sintetizam o sentido da romaria como experiência de fé viva e renovadora, na qual o povo se reconhece como parte de uma grande família espiritual reunida sob o manto materno da Virgem.

A devoção à Mãe Aparecida também se manifesta na vida litúrgica e sacramental da Igreja no Brasil. A festa de Nossa Senhora Aparecida, celebrada no dia 12 de outubro, é ocasião de grande júbilo nacional, unindo fiéis de todas as dioceses em oração e gratidão. A data, instituída como feriado nacional em 1980, durante a visita do Papa João Paulo II, é símbolo da consagração do Brasil à sua Padroeira. Nas paróquias e comunidades, multiplicam-se novenas, terços, missas e celebrações marianas que expressam a fé viva do povo. O culto à Mãe Aparecida é, assim, uma escola de liturgia e espiritualidade, pois conduz os fiéis à adoração de Cristo e à vivência dos sacramentos. Como recorda o Papa Bento XVI, em seu discurso na V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, em Aparecida (2007), “a piedade popular é um tesouro precioso da Igreja, no qual se expressa a alma dos povos latino-americanos”. A devoção a Nossa Senhora Aparecida é, portanto, uma manifestação concreta dessa piedade que evangeliza e transforma corações.

A presença da Padroeira do Brasil na vida cotidiana dos fiéis também se estende ao campo social. A figura de Maria inspira inúmeras obras de caridade, projetos de evangelização e ações pastorais que buscam traduzir o amor materno em gestos concretos de solidariedade. O Santuário Nacional, administrado pelos Missionários Redentoristas, é exemplo disso: além de acolher milhões de peregrinos por ano, mantém projetos sociais voltados à educação, saúde, assistência a famílias carentes e formação cristã. A espiritualidade de Aparecida não se encerra no templo, mas se prolonga nas ações de amor que brotam da fé. A verdadeira devoção mariana, como ensina o Papa Paulo VI na *Marialis Cultus* (n. 57), “leva os fiéis a imitar as virtudes de Maria, especialmente sua fé, sua esperança e sua caridade”. Assim, a fé em Nossa Senhora Aparecida não é apenas contemplativa, mas ativa, missionária e comprometida com o bem comum.

Por fim, Nossa Senhora Aparecida representa para o povo brasileiro a síntese da esperança e da confiança em Deus. Em meio às dificuldades sociais, às crises econômicas e às dores humanas, a Mãe Aparecida é sinal de consolo e de perseverança. Ela é lembrada não apenas como intercessora, mas como presença viva que acompanha a nação em sua caminhada. O seu olhar sereno, o seu semblante pequeno e acolhedor, recordam a ternura divina que não abandona os seus filhos. A espiritualidade popular em

torno de Aparecida revela uma teologia do encontro: o povo vai ao encontro da Mãe, e nela encontra o próprio Cristo. É uma fé simples, mas profundamente encarnada, que une o céu e a terra, o humano e o divino. A Mãe Aparecida é, em última instância, o ícone da presença amorosa de Deus no coração do Brasil, e seu culto é expressão do amor que transforma, consola e renova a esperança de um povo que caminha na fé.

6 - Interpretação sob a Ótica da Igreja Católica Apostólica Romana

A devoção a Nossa Senhora Aparecida, sob a ótica teológica e pastoral da Igreja Católica, é compreendida como uma manifestação legítima e profunda da fé do povo de Deus, enraizada na Sagrada Escritura e na Tradição Apostólica. A Igreja reconhece na piedade popular mariana uma expressão autêntica do *sensus fidei* — o “instinto da fé” — que, guiado pelo Espírito Santo, conduz o coração dos fiéis à verdade revelada. A devoção à Mãe Aparecida não é um culto paralelo, mas uma forma viva de participação na única mediação de Cristo, o Salvador. Como ensina o Concílio Vaticano II na *Lumen Gentium* (n. 60), “a função maternal de Maria em relação aos homens de modo algum obscurece ou diminui a mediação de Cristo, antes mostra a sua eficácia”. A veneração da Padroeira do Brasil é, portanto, profundamente cristocêntrica: toda súplica dirigida a Maria é, em última instância, um clamor ao próprio Cristo, por meio de sua Mãe.

A Igreja Católica vê em Nossa Senhora Aparecida um sinal privilegiado da presença amorosa de Deus no meio do seu povo. A imagem encontrada nas águas do rio Paraíba é interpretada à luz da teologia dos sinais, tão cara à tradição bíblica e cristã. Assim como Deus se revelou ao seu povo através de sinais concretos — a sarça ardente, a arca da aliança, o maná no deserto —, também na história brasileira Ele se manifestou através do sinal da pequena imagem da Virgem. Para a Igreja, Aparecida é um sinal de fé, esperança e amor, destinado a recordar que a providência divina age de forma concreta na vida dos homens. O Papa Francisco, em sua homilia no Santuário Nacional em 2013, afirmou que “Deus se manifesta nos gestos simples e humildes, e Maria é o grande sinal dessa presença: Ela aparece para nos conduzir à ternura e à misericórdia do seu Filho”. A presença da Mãe Aparecida é, assim, uma catequese silenciosa sobre a ação amorosa de Deus na história humana.

A teologia mariana da Igreja ensina que Maria é modelo e imagem da Igreja. Ela representa o que a Igreja é chamada a ser: fiel, obediente, cheia de graça e totalmente voltada para Cristo. Nesse sentido, a devoção à Mãe Aparecida tem um profundo valor eclesiológico. O Papa Paulo VI, na exortação apostólica *Marialis Cultus* (1974), recorda que o verdadeiro culto mariano deve sempre conduzir à liturgia e à vida sacramental, alimentando a fé e promovendo a caridade. A Igreja no Brasil, especialmente através da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), tem insistido nesse



aspecto: a devoção popular deve ser evangelizada e evangelizadora. Não se trata de um sentimentalismo religioso, mas de uma expressão viva da fé que precisa ser continuamente iluminada pela Palavra e pelos sacramentos. A devoção a Nossa Senhora Aparecida, quando vivida à luz da fé católica, se torna um poderoso instrumento de conversão e renovação espiritual.

A presença da Mãe Aparecida é também interpretada pela Igreja como expressão da opção preferencial de Deus pelos pobres e humildes. A forma como a imagem foi encontrada — fragmentada, suja de lama e restaurada pelas mãos de pescadores — contém uma forte mensagem evangélica: Deus se revela na fragilidade, e sua graça se manifesta nas realidades mais simples. Essa dimensão teológica está em perfeita harmonia com o Evangelho de Lucas, que apresenta Maria como a humilde serva do Senhor exaltada por Deus (Lc 1,46-55). A Igreja reconhece, nesse episódio, um sinal de sua própria missão: ser portadora da boa nova aos pobres, anunciando a esperança mesmo em meio às águas turvas da vida. Essa interpretação foi reafirmada durante a V Conferência de Aparecida (2007), cujo documento final, aprovado pelo Papa Bento XVI, destacou a importância da piedade popular como “um lugar teológico onde o Espírito Santo age para evangelizar e renovar a fé dos povos”.

Do ponto de vista pastoral, a Igreja considera a devoção a Nossa Senhora Aparecida um meio privilegiado de evangelização e catequese. A fé mariana do povo brasileiro é, para os pastores, uma ponte entre o coração e o Evangelho. Como ensina o Papa Bento XVI no *Documento de Aparecida* (n. 258), “a piedade popular é o modo como a fé, recebida e vivida na Igreja, se encarna em uma cultura e se torna força evangelizadora”. A missão da Igreja, portanto, não é apagar essa devoção, mas purificá-la e orientá-la para Cristo, ajudando os fiéis a compreender que toda verdadeira veneração mariana culmina na adoração ao Deus Uno e Trino. O Santuário Nacional, com suas missas, confissões, novenas e obras de caridade, é exemplo concreto dessa pastoral encarnada, que une liturgia, fé popular e compromisso social. A Mãe Aparecida, nesse contexto, torna-se mestra de evangelização, modelo de discipulado e sinal de esperança.

A doutrina católica, por fim, vê na figura de Nossa Senhora Aparecida um chamado à unidade e à comunhão eclesial. Ela é a Mãe da Igreja no Brasil, e sob o seu manto todos os fiéis são convidados a viver a fraternidade cristã. O Papa João Paulo II, em sua visita a Aparecida em 1980, proclamou: “Com a vossa Mãe Aparecida, o Brasil será sempre um povo de Deus, fiel ao Evangelho e ao amor de Cristo”. Essa frase sintetiza a compreensão teológica e pastoral da Igreja: Maria conduz a comunidade à fidelidade e à santidade. A imagem da Mãe Aparecida, pequena e frágil, mas revestida de glória, é o ícone da própria Igreja: humana em sua fragilidade, divina em sua vocação e sustentada pela graça. Assim, sob a ótica da Igreja Católica, a devoção à Padroeira do Brasil é um dom e uma responsabilidade — um dom, porque

manifesta o amor de Deus que se revela ao povo; e uma responsabilidade, porque exige que essa fé seja traduzida em vida, caridade e compromisso com o Reino de Deus.

7 - Conclusões

A devoção a Nossa Senhora Aparecida transcende o campo da simples religiosidade popular e se insere no coração da espiritualidade católica brasileira como expressão viva da presença materna de Maria na história do povo. Desde o misterioso encontro da pequena imagem nas águas do rio Paraíba do Sul até a sua elevação como Padroeira do Brasil, observa-se uma profunda dinâmica espiritual que une fé, esperança e identidade nacional. Em cada etapa desse percurso, Maria se manifesta como sinal da predileção de Deus pelos humildes, lembrando que o Senhor exalta os pequenos e confunde os poderosos, como cantado no Magnificat. Assim, o culto a Nossa Senhora Aparecida é, antes de tudo, um testemunho da misericórdia divina que se derrama sobre um povo simples, perseverante e profundamente crente.

Teologicamente, a figura de Nossa Senhora Aparecida reflete o papel universal de Maria na economia da salvação. A Igreja Católica, em seus documentos e magistério, reafirma que a Mãe de Deus participa da missão redentora de Cristo de forma singular, intercedendo pelos fiéis e conduzindo-os ao seu Filho. Em Aparecida, essa mediação se concretiza de modo particular, pois Maria assume os traços do povo brasileiro: acolhedora, sofrida, generosa e cheia de fé. Sua imagem negra, marcada pelas águas, é um ícone de inclusão e de unidade, revelando que em Cristo não há distinção entre raças, condições sociais ou origens. Assim, o culto à Virgem Aparecida adquire uma dimensão eclesial e social profunda, lembrando que o Evangelho deve sempre ser encarnado na realidade concreta dos povos.

Historicamente, o crescimento do santuário, as peregrinações e a consagração da nação à Padroeira mostram que a devoção mariana em Aparecida se tornou um verdadeiro patrimônio espiritual do Brasil. Ela moldou expressões culturais, inspirou obras de caridade, gerou vocações e renovou continuamente a fé de milhões de fiéis. A presença de Nossa Senhora Aparecida nas famílias, nas comunidades rurais, nas grandes cidades e nas celebrações nacionais revela uma fé que ultrapassa as fronteiras da Igreja institucional e se torna parte da própria alma do país. Ao longo dos séculos, sua intercessão tem sido invocada nos momentos de crise e agradecida nos tempos de bonança, sempre apontando para Cristo como o centro da vida cristã.

Em uma leitura espiritual, Nossa Senhora Aparecida representa o rosto materno de Deus que se inclina sobre o povo, acolhendo suas dores e transformando-as em esperança. Sua devoção convida à conversão, à solidariedade e à confiança na providência divina. O fiel que se aproxima de Maria encontra nela um caminho seguro para o encontro com Jesus, uma escola de humildade e um refúgio de amor. A



mensagem de Aparecida continua atual: Deus continua agindo na história, escolhendo os simples para realizar grandes obras, e Maria permanece sendo a serva fiel que nos conduz à obediência da fé.

Portanto, a história e a veneração de Nossa Senhora Aparecida são, ao mesmo tempo, um testemunho de fé e um convite à ação. A Mãe Aparecida chama os cristãos a viverem o Evangelho com autenticidade, a promoverem a justiça e a fraternidade e a reconhecerem a presença de Deus nas águas da vida cotidiana. Sua imagem, tão pequena e ao mesmo tempo tão grandiosa, recorda que o amor de Deus se revela nas coisas simples e que, em Maria, o Brasil encontrou não apenas sua Padroeira, mas uma verdadeira expressão da graça divina que habita entre nós.

8 – Referências Bibliográfica

Bíblia Sagrada, especialmente *Lucas 1:26–56* (Anunciação e Magnificat).

Concílio Vaticano II, *Lumen Gentium* (cap. VIII).

Papa Paulo VI, *Marialis Cultus* (1974).

Papa João Paulo II, *Redemptoris Mater* (1987).

Papa Francisco, *Evangelii Gaudium* (2013) e *Christus Vivit* (2019).

Catecismo da Igreja Católica, §§963–975, §§2131–2132.

CNBB, Documentos e Homilias do Santuário Nacional de Aparecida.

Santuário Nacional de Aparecida, arquivos históricos e homilias papais (João Paulo II, Bento XVI e Francisco).



A Senhora do Tepeyac: História, Teologia e Espiritualidade de uma Aparição que Transformou a América Latina

Luiz Eduardo Miranda José Rodrigues
luiazerodesign@gmail.com

“Mãe Santíssima de Guadalupe, cobre-nos com teu manto de luz e guia-nos pelos caminhos da fé, da esperança e da paz.”

Resumo

Este artigo apresenta uma análise teológico-histórica da devoção a Nossa Senhora de Guadalupe, desde as aparições de 1531 no monte Tepeyac, no México, até sua consolidação como símbolo de fé, identidade e esperança para todo o continente americano. A obra busca compreender a mensagem guadalupana em sua profundidade espiritual, seu contexto histórico e seu impacto pastoral, relacionando fé, cultura e evangelização.

O texto percorre a narrativa original das aparições, a figura do vidente São Juan Diego, o conteúdo teológico do sinal deixado na tilma e o significado universal dessa manifestação mariana. Examina também a difusão do culto guadalupano ao longo dos séculos, sua importância na formação da religiosidade latino-americana e o papel da imagem como expressão da encarnação cultural do cristianismo.

Do ponto de vista teológico, o artigo enfatiza que Guadalupe é uma epifania da ternura divina, em que Maria assume as feições e a linguagem de um povo para transmitir a mensagem do Evangelho. Essa presença materna é interpretada pela Igreja Católica como sinal de reconciliação, inculturação e comunhão, reafirmando que o Evangelho floresce quando se enraíza na realidade dos povos.

Por fim, o estudo propõe uma reflexão sobre a atualidade pastoral da mensagem guadalupana, que continua a inspirar a fé e a esperança dos cristãos, chamando-os à solidariedade, à evangelização e à construção de um mundo mais humano. Nossa Senhora de Guadalupe emerge, assim, como a Mãe da Esperança, modelo de fé encarnada e expressão viva da misericórdia de Deus.

Abstract

This article presents a theological and historical analysis of the devotion to Our Lady of Guadalupe, from the apparitions of 1531 on Mount Tepeyac, Mexico, to her consolidation as a symbol of faith, identity, and hope for the entire American continent. It seeks to understand the Guadalupan message in its spiritual depth, historical context, and pastoral impact, integrating faith, culture, and evangelization.

The text explores the original account of the apparitions, the figure of Saint Juan Diego, the theological meaning of the image imprinted on the tilma, and the universal significance of this Marian manifestation.



It also examines the diffusion of the Guadalupan devotion through the centuries, its influence on Latin American religiosity, and the role of the image as an expression of the cultural incarnation of Christianity. From a theological perspective, the article highlights that Guadalupe represents an epiphany of divine tenderness, in which Mary assumes the features and language of a people to communicate the message of the Gospel. The Catholic Church interprets this maternal presence as a sign of reconciliation, inculturation, and communion, reaffirming that the Gospel truly blossoms when rooted in the life and culture of the people.

Finally, the study reflects on the pastoral relevance of the Guadalupan message in today's world, as it continues to inspire faith, hope, and commitment to justice and evangelization. Our Lady of Guadalupe thus emerges as the Mother of Hope, a model of incarnated faith and a living expression of God's mercy.

1 – Introdução

Entre as manifestações mais sublimes da presença de Maria na história da Igreja, nenhuma talvez traduza de modo tão profundo o encontro entre o divino e o humano, entre o céu e a terra, quanto a aparição de Nossa Senhora de Guadalupe no monte Tepeyac, em 1531. A Mãe de Deus, sob a forma de uma mulher revestida de sol e marcada pelas feições mestiças do povo americano, fez-se próxima dos simples e dos marginalizados, revelando ao mundo um rosto de ternura e de esperança. O acontecimento de Guadalupe não pode ser compreendido apenas como um episódio isolado ou como uma devoção particular; ele constitui um verdadeiro marco na história da evangelização do continente, um sinal eloquente da misericórdia de Deus e da inculturação do Evangelho nas terras do Novo Mundo.

O século XVI foi um tempo de grandes transformações. O mundo recém-saído da Idade Média testemunhava a expansão marítima, os encontros e conflitos entre civilizações, e a chegada da fé cristã às Américas. O México, então território do império asteca recentemente conquistado pelos espanhóis, vivia uma realidade marcada pela dor, pela opressão e pelo colapso cultural. Nesse cenário de tensões e feridas históricas, Deus se manifestou por meio de Maria, que apareceu ao índio humilde Juan Diego Cuauhtlatoatzin, entre os dias 9 e 12 de dezembro de 1531. A mensagem transmitida por Nossa Senhora não era de domínio, mas de consolo e reconciliação: uma palavra de amor que restaurava a dignidade dos povos nativos e convidava à unidade em Cristo.

O encontro de Maria com Juan Diego representa, assim, um momento de profunda revelação espiritual. O rosto mestiço da Virgem, os símbolos presentes em sua túnica e manto, e a linguagem carinhosa com que se dirigiu ao seu “filhinho querido” revelam uma pedagogia divina: Deus fala nas cores e formas que o povo comprehende. A fé católica, em Guadalupe, assumiu as vestes da cultura indígena e tornou-se verdadeiramente encarnada na realidade americana. Por isso, a Igreja reconhece

nesse acontecimento uma autêntica teofania mariana, um sinal privilegiado da presença maternal de Maria junto aos povos do continente.

Mais do que uma devoção local, Nossa Senhora de Guadalupe tornou-se o coração espiritual da América Latina. São João Paulo II a proclamou “Padroeira das Américas e Estrela da Evangelização”, ressaltando que sua mensagem é profundamente cristocêntrica e missionária: Maria conduz sempre a Cristo, e seu papel é iluminar o caminho da Igreja em sua tarefa evangelizadora. A Virgem de Guadalupe recorda que o Evangelho não anula as culturas, mas as purifica e eleva; não destrói identidades, mas as integra na comunhão universal do amor de Deus. Assim, a aparição do Tepeyac é também um paradigma da evangelização inculturada, onde fé e cultura se abraçam em harmonia.

Teologicamente, o fenômeno guadalupano manifesta o mistério da Encarnação em sua dimensão mais humana e próxima. Ao escolher um mensageiro pobre e simples, Maria repete o gesto do Magnificat: “exaltou os humildes e saciou de bens os famintos” (Lc 1,52–53). A Mãe de Deus faz-se serva da reconciliação, e sua imagem na tilma de Juan Diego permanece como ícone da nova criação — uma mulher envolta de luz, grávida do Salvador, que traz ao mundo o Príncipe da Paz. Por isso, contemplar Guadalupe é contemplar o próprio mistério do amor divino que se inclina sobre os pequenos e os transforma em portadores da graça.

Ao longo dos séculos, o culto a Nossa Senhora de Guadalupe cresceu, irradiando-se por todo o continente e tornando-se símbolo de identidade, fé e resistência. No México, ela é a Mãe do povo; no restante da América, é sinal de unidade e esperança. Sua mensagem, porém, ultrapassa fronteiras geográficas e temporais: continua a interpelar a humanidade de hoje, convidando à conversão, à fraternidade e à defesa da dignidade de todo ser humano.

Este artigo propõe-se, portanto, a explorar a história, a teologia e a espiritualidade da devoção guadalupana sob a ótica da Igreja Católica Apostólica Romana. Busca-se compreender a profundidade desse acontecimento que uniu o céu e a terra, o europeu e o indígena, a fé e a cultura, mostrando que em Maria, Mãe de Guadalupe, o amor de Deus assumiu as cores, o rosto e o coração da América.

2 – O Contexto Histórico e a Aparição no Tepeyac

O século XVI marcou um dos períodos mais decisivos da história da humanidade. O mundo europeu, fortalecido pelos progressos científicos, pelas navegações e pela expansão ultramarina, abria novas fronteiras geográficas e espirituais. Nesse contexto de descobertas e confrontos culturais, a chegada dos espanhóis ao continente americano em 1492 representou não apenas o início de uma nova era política e econômica, mas também um profundo desafio religioso e humano. No território que viria a ser o México, a antiga civilização asteca — dotada de uma rica herança simbólica, artística e religiosa

— fora subjugada pelas forças de Hernán Cortés em 1521. A imposição do domínio europeu desestruturou o mundo indígena, provocando desolação, violência e um doloroso processo de perda identitária.

A evangelização das novas terras tornou-se uma das prioridades da coroa espanhola e das ordens missionárias. Frades franciscanos, dominicanos e agostinianos dedicaram-se com fervor à catequese dos povos nativos, levando o Evangelho e introduzindo práticas cristãs. Contudo, essa missão não foi isenta de tensões. O abismo cultural entre conquistadores e indígenas, somado ao trauma da colonização, dificultava a acolhida da fé cristã. Muitos dos novos convertidos viviam um cristianismo apenas exterior, ainda enraizado nas antigas crenças e mitologias. A transição de uma visão de mundo politeísta e ritualística para a fé em um Deus único e encarnado era lenta e dolorosa.

Foi nesse ambiente de rupturas e sofrimentos que Deus, por meio de Maria Santíssima, decidiu manifestar-se de modo surpreendente e consolador. No ano de 1531, dez anos após a queda de Tenochtitlán, o indígena Juan Diego Cuauhtlatoatzin — um homem pobre, convertido recentemente à fé cristã e habitante do vilarejo de Cuautitlán — caminhava nas primeiras horas da manhã rumo à missa, quando ouviu uma melodia suave e celestial proveniente do monte Tepeyac. Ao aproximar-se, viu uma jovem Senhora envolta em luz, vestida com um manto azul-esverdeado coberto de estrelas, que lhe falou na língua náuatle, a língua do povo. A voz da Mãe de Deus era terna e maternal; ela o chamou de “meu filhinho querido, Juanito”, e pediu-lhe que fosse ao bispo de México, Dom Juan de Zumárraga, para solicitar a construção de um templo em sua honra naquele local.

A aparição de Nossa Senhora de Guadalupe a Juan Diego não foi um evento isolado, mas o início de um diálogo contínuo entre o céu e a terra. Maria apareceu não aos poderosos nem aos instruídos, mas a um homem simples, representante dos povos humilhados e marginalizados da época. Por meio desse gesto, Deus confirmou sua predileção pelos pequenos e fez ressoar, novamente, o cântico do Magnificat: “Derrubou do trono os poderosos e exaltou os humildes.” (Lc 1,52). Assim, o episódio do Tepeyac tornou-se o símbolo do encontro entre o Evangelho e a cultura indígena, entre a fé cristã e o coração do povo americano.

A narrativa das aparições, recolhida na *Nican Mopohua*, um texto indígena do século XVI, conserva o encanto e a profundidade espiritual da mensagem guadalupana. Nela, Maria apresenta-se como a “Mãe do verdadeiro Deus por quem se vive”, expressão que traduz uma teologia do amor e da presença divina profundamente inculturada. Ela não fala de conquista ou de poder, mas de ternura e de proteção. Seu pedido para que um templo fosse construído no monte Tepeyac tinha um significado espiritual e simbólico: o santuário seria o espaço da reconciliação entre os povos, o ponto de encontro entre o Criador e seus filhos feridos pela história.

O bispo Zumárraga, prudente e desconfiado, pediu um sinal para comprovar a veracidade das aparições. Maria prometeu concedê-lo. No dia 12 de dezembro, ela apareceu novamente a Juan Diego e o enviou ao topo do Tepeyac, onde, em pleno inverno, floresciam rosas de Castela — flores que não existiam naquela estação nem naquele solo. Juan Diego colheu-as e as levou escondidas em seu manto (*tilma*). Ao abrir o manto diante do bispo, as rosas caíram ao chão e, de modo milagroso, apareceu impressa na *tilma* a imagem da Virgem Santíssima tal como ele a havia visto. Diante desse prodígio, o bispo se ajoelhou com lágrimas e reconheceu a autenticidade da mensagem.

A imagem impressa na *tilma* de Juan Diego é um verdadeiro catecismo visual. Cada detalhe possui um significado profundo, que une o simbolismo cristão ao imaginário indígena. O manto azul-esverdeado, cor reservada às divindades, indica a realeza celestial de Maria. O cinto preto sobre sua túnica revela que está grávida — sinal de que traz em seu ventre o Salvador do mundo. As estrelas estampadas no manto correspondem à configuração do céu mexicano naquela madrugada de dezembro, e o sol e a lua sob seus pés remetem à visão apocalíptica da Mulher vestida de sol (Ap 12,1). Ao mesmo tempo, a flor de quatro pétalas sobre seu ventre, símbolo da presença divina para os povos nativos, indica que nela habita o “Deus por quem se vive”. Assim, a imagem de Guadalupe é a perfeita síntese entre fé cristã e cultura indígena, entre revelação e inculturação, entre o Evangelho e a história dos povos da América.

A aparição de Nossa Senhora de Guadalupe transformou radicalmente a paisagem espiritual do México. Em poucos anos, milhões de indígenas pediram o batismo, movidos pela fé e pela ternura da Mãe do Céu que falava sua língua e assumia seus traços. A evangelização, antes marcada pela distância e pela desconfiança, ganhou novo vigor e autenticidade. A mensagem do Tepeyac mostrou que o cristianismo não era uma religião estrangeira imposta pela força, mas uma fé que acolhe e redime todas as culturas. Como afirmou São João Paulo II, “em Guadalupe se manifesta a maternidade espiritual de Maria que, ao acolher o povo do Novo Mundo, acolhe também a sua cultura e o conduz ao Cristo Redentor” (*Homilia em Guadalupe*, 1979).

A *tilma* de Juan Diego, preservada até hoje na Basílica de Guadalupe, permanece como um dos maiores mistérios da fé católica. Apesar dos séculos transcorridos, do tempo e das intempéries, a imagem conserva-se intacta, desafiando explicações científicas. Mais que um fenômeno físico, trata-se de um sinal permanente da presença de Maria entre seus filhos. Ela continua a repetir, a cada geração, as palavras ditas a Juan Diego: “Não estou eu aqui, que sou tua Mãe? Não estás sob a minha sombra e proteção?” — palavras que, ao longo dos séculos, têm consolado milhões de corações e sustentado a fé de todo um continente.

Desse modo, o episódio do Tepeyac não é apenas uma história do passado, mas um evento que continua vivo na memória e na alma dos povos da América Latina. A aparição de Nossa Senhora de Guadalupe é uma epifania de Deus que fala através da Mãe, um chamado à reconciliação e à esperança. No diálogo entre Maria e Juan Diego, a humanidade descobre novamente o amor de um Deus que se faz próximo, que se encarna nas dores e nas alegrias do seu povo, e que convida todos a construírem juntos um novo templo — não feito apenas de pedras, mas de corações renovados pela graça.

3 – O Significado Espiritual e Teológico da Mensagem Guadalupana

A aparição de Nossa Senhora de Guadalupe no monte Tepeyac, em dezembro de 1531, transcende o caráter de um simples prodígio religioso. Sua mensagem contém uma densidade espiritual e teológica que ilumina a compreensão da presença de Maria na história da salvação e na vida da Igreja. Cada elemento do acontecimento — a escolha do vidente, o local, a linguagem, o sinal milagroso e a imagem estampada na *tilma* — revela uma pedagogia divina profundamente coerente com o Evangelho. Em Guadalupe, Maria se apresenta como Mãe, Evangelizadora e portadora da unidade, assumindo os traços de um povo ferido, para conduzi-lo ao seu Filho, Jesus Cristo, o único Salvador do mundo.

3.1 - A Maternidade de Maria e o Rosto Compassivo de Deus

No centro da mensagem guadalupana está a revelação da ternura de Deus através da maternidade de Maria. Ao chamar Juan Diego de “meu filhinho querido”, a Virgem rompe com as barreiras culturais e sociais da época. Ela não fala em nome dos conquistadores nem da estrutura eclesiástica; fala como Mãe universal, que acolhe os pequenos, consola os oprimidos e reconcilia os corações. Essa dimensão maternal reflete o mistério da Encarnação, em que o próprio Deus se faz próximo e vulnerável para salvar a humanidade.

A voz da Senhora do Tepeyac ecoa a linguagem do Evangelho: “Vinde a mim todos vós que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei” (Mt 11,28).

Theologicamente, a aparição manifesta de modo concreto o que o Concílio Vaticano II proclamaria séculos depois: Maria é “figura da Igreja” e “sinal de esperança segura e de consolação para o povo de Deus peregrino” (*Lumen Gentium*, 68). Em Guadalupe, Maria torna-se o ícone da Igreja que evangeliza por meio da ternura e da compaixão.

Ela não impõe, mas propõe; não conquista, mas acolhe; não domina, mas serve. Sua presença entre os povos do Novo Mundo revela que o amor materno de Deus não conhece fronteiras, e que o Evangelho é capaz de assumir as cores, as vozes e os símbolos de todas as culturas sem perder sua essência divina.

3.2 - A Inculturação da Fé e a Unidade dos Povos

Um dos aspectos mais profundos da mensagem guadalupana é o processo de inculturação — isto é, a inserção do Evangelho nas realidades culturais locais, de modo que a fé cristã se torne verdadeiramente encarnada na vida de um povo. Em Guadalupe, Maria aparece com traços mestiços, vestida como uma jovem nativa, e fala a língua náuatle, comunicando-se no código simbólico dos povos indígenas. Essa escolha divina revela uma pedagogia da salvação: Deus não destrói o que é humano, mas o assume e o purifica.

A imagem da Virgem de Guadalupe é, portanto, uma síntese perfeita da união entre o céu e a terra, entre o cristianismo europeu e a espiritualidade indígena. O sol, a lua, as estrelas e as flores — todos elementos presentes na iconografia guadalupana — são reinterpretados à luz da fé cristã. O sol e a lua, antigos símbolos de divindades astecas, aparecem agora sob os pés de Maria, indicando que ela está acima de todos os deuses, pois é a Mãe do verdadeiro Deus. As estrelas sobre o manto expressam a realeza celeste e recordam a promessa feita a Abraão: “Olha para o céu e conta as estrelas... assim será a tua descendência” (Gn 15,5). E a flor de quatro pétalas sobre o ventre da Virgem — o *nahui ollin*, símbolo indígena do centro do universo — anuncia que o Deus vivo habita em seu seio, cumprindo a profecia de Isaías: “A virgem conceberá e dará à luz um filho, e o seu nome será Emanuel, que quer dizer Deus conosco” (Is 7,14).

A mensagem teológica de Guadalupe, portanto, é de reconciliação. Naquele momento de tensão histórica entre conquistadores e povos nativos, Maria aparece como sinal da unidade. Ela reúne em si os dois mundos — o indígena e o europeu — e os oferece a Cristo. Essa reconciliação, que tem origem no coração materno de Maria, antecipa o que o Papa Francisco definiria como o caminho da Igreja latino-americana: “A cultura da ternura e do encontro” (*Evangelii Gaudium*, 88). Assim, Guadalupe não é apenas um evento local, mas o modelo de toda evangelização que respeita, valoriza e eleva a dignidade das culturas.

3.3 - A Dimensão Cristológica e Eclesial da Mensagem

Embora o olhar se volte para Maria, o centro da mensagem guadalupana é o próprio Cristo. A Virgem aparece grávida, portando em seu ventre o Salvador. Seu gesto silencioso indica que tudo nela conduz ao Filho. Em suas palavras, não há promessas de glória mundana, mas o convite à confiança no amor divino: “Não estou eu aqui, que sou tua Mãe?” Essa expressão contém uma profunda verdade teológica — Maria é o canal pelo qual o amor redentor de Cristo chega aos corações.

O santuário que a Senhora pede para ser erguido é mais do que um templo físico; é o símbolo da Igreja viva, edificada sobre a fé dos humildes. Na visão eclesiológica, Guadalupe manifesta o rosto da

Igreja como “casa de todos os povos”, onde cada cultura encontra acolhida e sentido. Não é por acaso que, após as aparições, a evangelização no México conheceu um florescimento sem precedentes. Em menos de uma década, milhões de indígenas foram batizados, não por imposição, mas por atração — pela beleza da fé revelada através da Mãe de Deus.

São João Paulo II, em sua homilia de canonização de São Juan Diego (2002), expressou essa verdade com clareza:

“A mensagem de Guadalupe é uma mensagem cristocêntrica, profundamente enraizada no mistério da Encarnação. Por meio de Maria, o Verbo se faz presente na nova terra, assumindo e redimindo suas culturas.”

Assim, a teologia guadalupana nos conduz ao coração do mistério cristão: Deus se faz carne, habita entre nós e confia à Mãe Santíssima a missão de gerar, no tempo, os filhos que pertencem à eternidade.

3.4 - A Espiritualidade Guadalupana: Fé que se Encarna na Vida

A devoção a Nossa Senhora de Guadalupe não se limita ao culto litúrgico ou à veneração popular. Ela é uma espiritualidade encarnada, que envolve o compromisso com a vida, a justiça e a fraternidade. A Mãe do Tepeyac convida seus filhos a confiar em Deus em meio às dores e desafios, a encontrar na fé um caminho de dignidade e esperança. Sua presença junto aos pobres e marginalizados revela uma opção divina pelos últimos, coerente com o Evangelho.

A espiritualidade guadalupana é, portanto, uma espiritualidade de encontro. Maria nos ensina a olhar o outro como irmão, a superar divisões e a construir pontes de amor. Sua imagem, voltada com serenidade e ternura, inspira confiança e reconciliação. Por isso, Guadalupe não é apenas um símbolo religioso; é um chamado permanente à conversão do coração, à paz e à justiça.

Em síntese, o significado espiritual e teológico da mensagem guadalupana pode ser resumido em três palavras: maternidade, inculturação e reconciliação. Nelas se expressa o rosto humano de Deus, a força universal do Evangelho e a presença ativa da Igreja que nasce do coração de Maria. A Virgem do Tepeyac continua a falar ao mundo moderno, recordando que o verdadeiro poder está no amor, que a verdadeira sabedoria nasce da humildade e que toda cultura pode tornar-se portadora de Deus quando se abre à luz do Cristo ressuscitado.

4 - A Consolidação do Culto e a Devoção Continental

A devoção a Nossa Senhora de Guadalupe, nascida nas encostas do monte Tepeyac em 1531, ultrapassou rapidamente o espaço do milagre inicial para tornar-se um fenômeno espiritual, cultural e

teológico de proporções continentais. Desde os primeiros testemunhos das aparições até o reconhecimento eclesiástico e a difusão de sua imagem por todo o continente americano, a história guadalupana mostra como a fé popular, iluminada pela ação pastoral da Igreja, pode gerar uma verdadeira evangelização das culturas. A Virgem de Guadalupe não permaneceu confinada ao México: ela tornou-se o coração mariano da América Latina, a Mãe que acompanha os povos em sua caminhada de fé e libertação, unindo-os sob o mesmo manto de esperança.

4.1 - O Reconhecimento Eclesiástico e a Difusão Inicial da Devoção

Logo após as aparições, o primeiro arcebispo do México, dom Juan de Zumárraga, reconheceu a autenticidade dos sinais e determinou a construção do santuário pedido pela Virgem. A pequena ermida erguida no Tepeyac logo se tornou um centro de peregrinação constante, onde indígenas, mestiços e espanhóis encontravam uma nova forma de unidade espiritual. Já no século XVI, a devoção guadalupana começou a se espalhar por toda a Nova Espanha, acompanhando o processo de evangelização dos territórios americanos.

A primeira grande difusão do culto ocorreu por meio dos missionários franciscanos, dominicanos e agostinianos, que viam na imagem da Virgem morena um poderoso instrumento pastoral. Maria falava aos corações dos povos indígenas numa linguagem que eles compreendiam, e sua presença tornou-se o elo entre o Evangelho e a cultura local. As festas em sua honra, as orações e os cânticos populares passaram a expressar não apenas veneração, mas também gratidão por uma Mãe que havia se aproximado dos pobres e humilhados.

Com o passar dos séculos, a Igreja Católica confirmou o caráter sobrenatural do acontecimento guadalupano. Em 1754, o Papa Bento XIV aprovou oficialmente o ofício litúrgico e a missa próprios em honra de Nossa Senhora de Guadalupe. Em um gesto de profunda reverência, o pontífice declarou: “*Non fecit taliter omni nationi*” — “A Deus aprouve não fazer coisa semelhante a nenhuma outra nação”, reconhecendo assim o caráter singular do dom concedido à América. A coroação pontifícia da imagem em 1895 e a elevação da Basílica a categoria de santuário nacional consolidaram o lugar de Guadalupe como o centro espiritual do México e de todo o continente.

4.2 - A Virgem de Guadalupe e a Identidade Latino-Americana

A devoção guadalupana ultrapassou os limites religiosos para tornar-se elemento essencial da identidade dos povos latino-americanos. Em um continente marcado por profundas desigualdades e pela mistura de culturas, Guadalupe representou uma síntese espiritual que uniu fé, história e cultura. Ela não

é apenas a padroeira do México, mas o símbolo de toda uma América que se reconhece na fé de Maria como Mãe, protetora e intercessora.

Durante os movimentos de independência do século XIX, a imagem de Nossa Senhora de Guadalupe foi adotada como emblema de liberdade e justiça. Os líderes populares viam na Virgem morena o sinal de um Deus que caminha com os pobres e que abençoa os esforços pela dignidade humana. Essa dimensão libertadora da devoção guadalupana não contradiz, mas aprofunda sua essência teológica: Maria não toma partido político, mas inspira o povo a buscar um mundo mais justo à luz do Evangelho. Assim, o culto a Guadalupe tornou-se uma espiritualidade de resistência, de esperança e de unidade.

No século XX, especialmente após o Concílio Vaticano II e as Conferências Episcopais de Medellín (1968) e Puebla (1979), a teologia latino-americana redescobriu em Guadalupe um símbolo privilegiado da evangelização inculturada. O Documento de Puebla reconhece explicitamente que “Maria de Guadalupe foi o grande sinal de evangelização perfeitamente inculturada, que colocou as raízes da fé cristã nas profundezas das culturas latino-americanas” (DP, n. 282). Sob sua proteção, a Igreja no continente se comprehende como Igreja do povo, chamada a ser “discípula e missionária” (*Documento de Aparecida*, n. 12).

Essa dimensão continental da devoção guadalupana expressa-se também nas peregrinações que reúnem milhões de fiéis vindos de toda a América. No coração da Basílica do Tepeyac, cada olhar que se levanta para o rosto de Maria morena traz consigo uma história de fé, sofrimento e esperança. Ali, os povos da América reencontram a certeza de que a Mãe de Deus fala sua língua, partilha suas dores e conduz todos a Cristo, fonte de vida e salvação.

4.3 - A Basílica de Guadalupe: Centro Espiritual da América

O crescimento da devoção ao longo dos séculos exigiu a ampliação do santuário original. A Basílica Velha, construída em 1709, tornou-se rapidamente pequena para acolher os milhões de peregrinos que acorriam anualmente. Em 1976, foi inaugurada a Nova Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe, obra monumental que reflete não apenas a fé do povo mexicano, mas o amor de todo o continente. O espaço arquitetônico circular, sem colunas que obstruam a visão, simboliza a igualdade de todos diante da Mãe. No centro, sobre o altar, conserva-se a *tilma* milagrosa de Juan Diego, testemunho vivo da presença de Maria.

A Basílica é hoje o santuário mariano mais visitado do mundo, superado apenas por Roma em número de peregrinos. Milhões de fiéis de todas as nações, raças e condições sociais caminham até o Tepeyac movidos pela fé, pela gratidão e pelo desejo de encontrar consolo. É um verdadeiro Pentecostes



mariano, onde o Espírito Santo continua a unir os povos sob o mesmo manto materno. Como afirmou São João Paulo II em sua homilia de 1979, ao visitar o santuário:

“Neste lugar, Maria nos mostra que é possível uma evangelização que brota do amor, uma fé que se encarna na história e uma Igreja que fala a língua dos povos.”

Assim, a Basílica de Guadalupe tornou-se símbolo visível da catolicidade: unidade na diversidade, comunhão entre culturas, expressão viva de uma fé encarnada.

4.4 - Guadalupe: Sinal de Comunhão e Esperança para os Tempos Modernos

Na contemporaneidade, a mensagem guadalupana continua a oferecer um caminho de esperança diante dos desafios sociais, culturais e espirituais que marcam o continente. A Mãe do Tepeyac recorda à Igreja que a evangelização deve sempre passar pelo coração, pela compaixão e pelo respeito às culturas. Em tempos de globalização e fragmentação, Guadalupe permanece como ícone de comunhão.

O Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, recorda que “Maria é a missionária que se aproxima de nós para nos acompanhar na vida e abrir nossos corações à fé” (EG, 286). Essa afirmação ganha vida em Guadalupe, onde Maria se faz próxima, amiga e solidária. Seu olhar sereno convida à fraternidade universal e à construção de uma civilização do amor, fundada na justiça e na paz.

A consolidação do culto guadalupano, portanto, não se limita ao passado. É um fenômeno vivo, que continua a inspirar gerações de cristãos. Sua mensagem, nascida nas margens do Tepeyac, floresceu em todo o continente e hoje se estende ao mundo inteiro como expressão da fé que une os povos sob o amor maternal de Maria. Como Mãe e Estrela da Evangelização, Nossa Senhora de Guadalupe permanece, para os filhos da América, sinal de um Deus que se faz próximo, de uma Igreja que se faz serva e de um povo que caminha na esperança da redenção.

5 - A Mensagem Teológica e Pastoral de Guadalupe para o Mundo Contemporâneo

A mensagem de Nossa Senhora de Guadalupe, nascida no coração do século XVI, não pertence apenas ao passado. Ela é viva, profética e profundamente atual. Em tempos de crise espiritual, fragmentação cultural e indiferença religiosa, a Mãe do Tepeyac continua a falar ao mundo com a mesma ternura e autoridade de quem foi escolhida para ser portadora do Verbo eterno. Guadalupe é mais do que uma lembrança de um milagre antigo — é uma chave teológica e pastoral para compreender como Deus age na história, especialmente através dos humildes e esquecidos. Sua presença continua a ser sinal de



esperança, reconciliação e renovação da fé, especialmente no continente americano, mas também para toda a Igreja universal.

5.1 - O Rosto Materno de Deus no Mundo Moderno

A primeira grande lição teológica de Guadalupe para o mundo contemporâneo é a revelação do rosto materno de Deus. Numa sociedade marcada pela pressa, pelo individualismo e pela falta de empatia, Maria surge como testemunho vivo da ternura divina. A Mãe que desceu ao Tepeyac para consolar um povo ferido continua a descer, em cada tempo e lugar, para recordar que o amor de Deus não se impõe, mas se oferece.

Ao chamar Juan Diego com expressões de carinho — “meu filhinho querido, o mais pequeno dos meus filhos” —, Maria nos mostra o estilo de Deus: Ele se revela através da proximidade, da misericórdia e da compaixão. Essa linguagem materna é uma resposta à aridez espiritual de nosso tempo, em que muitos experimentam Deus como distante ou impessoal. Em Guadalupe, a fé retoma seu caráter afetivo e humano; ela fala ao coração antes mesmo de convencer a razão.

O Papa Francisco, em sua homilia por ocasião da festa de Nossa Senhora de Guadalupe (2016), destacou que “Maria nos ensina o modo divino de estar no mundo: aproximando-se, servindo e acompanhando”. Essa presença materna não é apenas devocional, mas profundamente pastoral: convida a Igreja a ser “casa materna” para todos, especialmente para os que se sentem excluídos. Assim, a teologia guadalupana oferece uma espiritualidade do cuidado e da ternura — uma evangelização que nasce do amor e conduz à comunhão.

5.2 - A Dignidade dos Povos e a Evangelização Inculturada

Outro aspecto central da mensagem de Guadalupe, especialmente relevante para o mundo contemporâneo, é a afirmação da dignidade das culturas e dos povos. A Virgem aparece como uma jovem mestiça, assumindo as feições e os símbolos dos povos nativos. Essa escolha divina tem um profundo significado teológico: Deus fala em todas as línguas e se revela através de cada cultura.

Em uma era globalizada, em que o risco da uniformização cultural ameaça a identidade dos povos, Guadalupe recorda que a diversidade não é obstáculo, mas reflexo da riqueza criadora de Deus. Sua imagem ensina que o Evangelho pode e deve florescer em cada cultura, transformando-a de dentro para fora, sem destruí-la. Essa é a essência da inculturação da fé, que o Papa São João Paulo II chamou de “a encarnação do Evangelho nas culturas dos povos” (*Redemptoris Missio*, 52).

O exemplo guadalupano inspira, assim, uma pastoral missionária que valoriza o diálogo, o respeito e a escuta. Evangelizar, à luz de Guadalupe, não é impor uma doutrina, mas anunciar um amor

que se faz próximo e se traduz nas expressões vivas de cada povo. A Mãe do Tepeyac continua a lembrar à Igreja que a Boa Nova só é plenamente acolhida quando ressoa no coração da cultura local — quando a fé se torna vida, canto e gesto cotidiano.

Além disso, a mensagem guadalupana afirma o protagonismo dos humildes na obra da salvação. Deus não escolheu um poderoso, mas um simples camponês indígena, Juan Diego. Através dele, a Mãe do Céu manifestou ao mundo que a verdadeira grandeza está na fé dos pequenos. Essa inversão dos valores humanos, tão central no Evangelho, continua sendo um chamado profético para a Igreja de hoje: anunciar Cristo a partir dos pobres, ouvir suas vozes e reconhecer neles a presença do Senhor que continua a nascer nas periferias da história.

5.3 - Unidade, Reconciliação e Missão Continental

A mensagem de Guadalupe também contém uma dimensão eclesial e missionária de extraordinária atualidade. Em tempos marcados pela polarização, pelas divisões e pela perda de sentido comunitário, a Virgem do Tepeyac se apresenta como sinal de unidade. Sob seu manto cabem todos os povos, raças e culturas, e ali ninguém é estrangeiro.

Essa imagem de comunhão tem um profundo significado pastoral: recorda que a Igreja é chamada a ser espaço de reconciliação e fraternidade. A presença de Maria no Tepeyac foi, desde o início, um gesto de reconciliação entre mundos que se confrontavam — o europeu e o indígena —, e continua a ser inspiração para os esforços atuais de diálogo entre culturas, religiões e povos.

O Papa Francisco, em sua exortação *Evangelii Gaudium* (n. 285), afirma que “Maria é a Mãe da evangelização, que gera no coração dos povos o amor a Cristo”. Em Guadalupe, essa maternidade missionária se manifesta de modo exemplar. O encontro entre Maria e Juan Diego foi o início de uma nova evangelização, não apenas pela conversão em massa que se seguiu, mas porque revelou o modo como o Evangelho deve ser anunciado: com ternura, respeito e proximidade.

Por isso, a pastoral inspirada em Guadalupe é uma pastoral de escuta e compaixão. É uma Igreja que se faz peregrina, que caminha com o povo, que chora e se alegra com ele. Essa dimensão é vital para o mundo contemporâneo, no qual muitos experimentam o abandono e a desumanização. A Mãe do Tepeyac ensina à Igreja a estar sempre próxima dos que sofrem, dos migrantes, dos povos indígenas, das mulheres e dos pobres, para que todos se sintam filhos amados do mesmo Deus.

5.4 - O Chamado à Esperança e à Missão Universal

Finalmente, a mensagem guadalupana é uma mensagem de esperança para o mundo. Diante de um tempo marcado por crises ecológicas, morais e espirituais, a Virgem morena recorda que Deus

continua a agir na história. Sua figura grávida é um anúncio de vida: no ventre da Mãe, o Cristo renasce continuamente para o mundo. Essa é a Boa Nova que o Tepeyac continua a proclamar — a certeza de que, mesmo nas noites mais escuras, Deus prepara uma aurora de salvação.

A teologia guadalupana é, portanto, uma teologia da esperança encarnada. Não se trata de uma esperança ilusória, mas de uma fé viva que transforma realidades. Em Maria, o impossível torna-se possível: o humilde é exaltado, o oprimido é consolado, o desespero é vencido pela confiança. Seu olhar sereno convida à perseverança e à coragem diante das adversidades.

Hoje, quando tantas pessoas experimentam solidão e perda de sentido, a Virgem de Guadalupe continua a repetir as palavras dirigidas a Juan Diego: “*Não estou eu aqui, que sou tua Mãe?*” Essa simples pergunta contém uma promessa eterna: Deus não abandona seus filhos. Por meio de Maria, Ele permanece próximo, guiando-os até a plenitude da vida em Cristo.

Assim, a mensagem teológica e pastoral de Guadalupe para o mundo contemporâneo é clara e luminosa: anunciar o Evangelho com ternura, valorizar a dignidade de cada povo, construir a comunhão e reacender a esperança. O Tepeyac, outrora cenário de um milagre, permanece como símbolo de uma Igreja viva, materna e missionária, chamada a refletir, no meio do mundo, o rosto misericordioso de Deus.

6 - A presença de Nossa Senhora de Guadalupe na Vida dos Povos Latino-Americanos

A presença de Nossa Senhora de Guadalupe na vida e na espiritualidade dos povos latino-americanos é uma das manifestações mais profundas e duradouras da fé cristã neste continente. Desde sua aparição no Tepeyac, em 1531, a Virgem morena não cessou de acompanhar o caminhar dos filhos e filhas da América Latina, tornando-se símbolo de unidade, esperança e resistência espiritual.

Mais do que um ícone religioso, Guadalupe tornou-se alma e coração de um continente que aprendeu a ver em Maria a presença materna de Deus, próxima dos pobres, defensora dos oprimidos e mensageira de paz.

Sua imagem, estampada nas casas humildes, nos altares das igrejas e nas bandeiras de movimentos populares, é testemunho visível de uma fé encarnada na vida do povo. No rosto mestiço da Virgem, os latino-americanos reconhecem o seu próprio rosto: o de um povo nascido do encontro e do sofrimento, mas também da esperança e da promessa.

Por isso, falar de Guadalupe na América Latina é falar de uma espiritualidade viva, que atravessa séculos e fronteiras, e que continua a inspirar a busca por justiça, dignidade e comunhão.



6.1 - A Mãe que Caminha com seu Povo

Desde o início, a devoção guadalupana enraizou-se profundamente na cultura popular. Em cada romaria, novena e procissão, percebe-se que Maria é entendida não como figura distante, mas **como Mãe que caminha junto com o povo**. Ela está presente nas dores e nas alegrias, nos campos e nas cidades, nas comunidades indígenas e nos bairros periféricos. Guadalupe se fez companheira de viagem, modelo de fé e fonte de consolo em meio às dificuldades cotidianas.

A espiritualidade latino-americana é marcada por essa dimensão de proximidade e ternura. O povo reza a Maria com confiança filial, certo de que ela escuta e intercede. Essa fé popular, frequentemente expressa em gestos simples — uma vela acesa, uma flor depositada, uma peregrinação descalça —, é portadora de uma profunda teologia: ela reconhece em Maria o sacramento da presença amorosa de Deus.

Como recordou o Papa Francisco em Aparecida (2013), “a piedade popular é o tesouro espiritual da Igreja latino-americana”. E no centro desse tesouro está a Mãe de Guadalupe. Ela não é uma devoção periférica, mas um eixo espiritual que articula fé, identidade e missão. Ao longo dos séculos, Maria tem sido o rosto visível da ternura divina e o vínculo de unidade entre os povos deste continente plural.

Essa presença próxima também se manifesta na história. Durante as lutas por independência e justiça social, Guadalupe foi invocada como protetora dos pobres e dos que buscavam liberdade. Sua imagem acompanhou os exércitos libertadores, os movimentos camponeses e as comunidades eclesiais de base. Em cada momento decisivo da história latino-americana, o rosto sereno da Virgem apareceu como sinal de esperança, recordando que Deus caminha com os que lutam pela vida e pela dignidade.

6.2 - A Espiritualidade do Povo e a Inculturação da Fé

A presença guadalupana também foi determinante para a formação de uma espiritualidade autenticamente latino-americana, na qual a fé cristã se enraíza nas tradições culturais e na sensibilidade do povo. Em Guadalupe, a mensagem do Evangelho foi acolhida e reinterpretada à luz das culturas locais, unindo o amor mariano à experiência cotidiana dos povos originários e mestiços.

Essa integração deu origem a uma forma particular de viver o cristianismo: uma fé que é alegre, comunitária e profundamente ligada à vida. A Mãe do Tepeyac ensinou que a santidade não está distante da realidade humana, mas floresce no trabalho simples, na solidariedade e na confiança. Essa visão é o fundamento da espiritualidade do “povo peregrino”, que reconhece na própria caminhada o espaço da presença de Deus.

Theologicamente, Guadalupe é um exemplo luminoso de inculturação, isto é, da inserção do Evangelho nas expressões culturais dos povos. Em sua imagem estão reunidos os símbolos do mundo

indígena e cristão, formando uma síntese que não destrói, mas integra. A Virgem morena é, assim, um ícone da reconciliação e do diálogo entre mundos. Ela mostra que a fé não apaga as raízes culturais, mas as purifica e as eleva, fazendo delas instrumentos de louvor.

Essa dimensão inculturada continua a inspirar a pastoral latino-americana. A Conferência de Puebla (1979) afirmou que Maria de Guadalupe é “o grande modelo da evangelização perfeitamente inculturada”. Sob sua proteção, a Igreja na América Latina aprendeu a anunciar Cristo não de modo impositivo, mas dialogal e compassivo — respeitando as linguagens, as dores e as esperanças do povo. A espiritualidade guadalupana, portanto, é a expressão viva de um cristianismo que se faz cultura e que transforma o cotidiano em espaço de encontro com o divino.

6.3 - Guadalupe, Mãe dos Pobres e Esperança dos Povos

Um dos aspectos mais comoventes da presença de Nossa Senhora de Guadalupe é seu compromisso com os pobres. Desde o início, ela se manifestou ao mais humilde, Juan Diego, e escolheu falar através dele. Esse gesto profético se repete na história da América Latina: a Mãe continua a se revelar aos pequenos, aos esquecidos e aos que sofrem.

Em comunidades marcadas pela pobreza, pela exclusão e pela violência, a imagem de Guadalupe é fonte de consolo e força. Ela recorda que Deus se faz presente na dor e que o sofrimento dos simples não é esquecido. Nas palavras do Papa Francisco, Maria “é a mãe dos pobres e dos que não têm voz”, e em Guadalupe ela assume essa missão com singular intensidade.

Essa dimensão libertadora não se opõe à devoção, mas a aprofunda. O amor a Maria conduz à solidariedade, à justiça e à defesa da vida. Por isso, muitos movimentos sociais e pastorais populares invocam Guadalupe como símbolo de resistência e de esperança. Sua imagem, presente em marchas e celebrações, une fé e compromisso, oração e ação.

Guadalupe, portanto, não é apenas um ícone religioso: é um princípio espiritual de transformação social. Ela convida os povos latino-americanos a permanecerem fiéis à fé que humaniza e liberta, lembrando que a verdadeira devoção se traduz em gestos concretos de amor. A espiritualidade guadalupana é, assim, espiritualidade de comunhão e de compromisso — uma fé que brota do coração, mas que se manifesta nas mãos que constroem um mundo mais justo.

6.4 - Um Símbolo de Identidade e Esperança Continental

Por fim, Nossa Senhora de Guadalupe tornou-se símbolo de identidade continental. Seu rosto mestiço expressa a alma da América Latina, nascida da mistura de raças, línguas e culturas. Sob seu manto, todos se reconhecem como filhos do mesmo Deus, unidos na diversidade.

Essa consciência tem profunda relevância teológica: Maria de Guadalupe encarna a unidade na pluralidade, o ideal de uma Igreja que é comunhão de povos e culturas. Ao longo dos séculos, ela ajudou a formar a sensibilidade religiosa de uma região inteira, moldando sua arte, sua música, suas festas e sua forma de rezar. Guadalupe não é apenas lembrada — ela é vivida.

Em cada 12 de dezembro, milhões de peregrinos voltam ao Tepeyac, renovando o laço que os une à Mãe e, por meio dela, a Cristo. Essa peregrinação, que atravessa gerações, é sinal de uma fé que permanece viva e dinâmica. Guadalupe continua a ensinar que o Evangelho é caminho de encontro, e que a maternidade espiritual de Maria é força que renova as comunidades e as conduz à esperança.

Na espiritualidade dos povos latino-americanos, a Virgem do Tepeyac é a estrela que ilumina o caminho da fé. Seu olhar compassivo e seu manto azul-celeste recordam que o céu está próximo e que o amor de Deus habita as terras e os corações deste continente.

Assim, Nossa Senhora de Guadalupe permanece, no presente e para o futuro, a Mãe e a Rainha da América Latina — aquela que une, consola e conduz seus filhos rumo à plenitude da vida em Cristo. Em sua presença, o continente inteiro encontra a certeza de que Deus não abandona seu povo, mas o visita constantemente com ternura e misericórdia, para que nele floresça a esperança.

7 - Interpretação sob a Ótica da Igreja Católica Apostólica Romana

A devoção a Nossa Senhora de Guadalupe, desde suas origens, foi acolhida e aprofundada pela Igreja Católica como uma expressão legítima e fecunda da presença maternal de Maria na história da salvação. O fenômeno guadalupano, que teve início no encontro entre a Virgem Maria e o indígena São Juan Diego no Tepeyac, é interpretado pela Igreja não apenas como um acontecimento piedoso, mas como um sinal teológico e pastoral de alcance universal. Sob a ótica católica, a aparição de Guadalupe é compreendida como manifestação da misericórdia divina encarnada na cultura e da ação evangelizadora de Maria, que conduz os povos a Cristo e revela o rosto terno de Deus.

Desde o século XVI, a hierarquia eclesiástica discerniu na devoção guadalupana uma autenticidade espiritual que nascia do coração do povo e encontrava plena consonância com a fé da Igreja. A rápida difusão do culto e os frutos espirituais que dele brotaram — conversões, reconciliações, obras de caridade e crescimento da fé — confirmaram sua natureza sobrenatural. O reconhecimento oficial, por parte da Santa Sé, foi sendo construído ao longo dos séculos, culminando com a canonização de São Juan Diego por São João Paulo II, em 2002, e com o reconhecimento de Nossa Senhora de Guadalupe como Padroeira das Américas, título solenemente proclamado por Pio XII em 1945 e reafirmado pelos papas seguintes.

Nessa perspectiva, a Igreja Católica interpreta Guadalupe como um evento de revelação participada, no qual Maria, serva e mensageira do Senhor, continua a exercer sua missão maternal: aproximar os filhos de Deus e suscitar a fé viva em Cristo. O magistério pontifício, desde Leão XIII até Francisco, tem ressaltado o caráter teológico e pastoral da aparição, compreendendo-a como sinal do amor divino que se faz próximo dos povos, especialmente dos mais simples e humildes.

7.1 - A Visão Teológica e Pastoral do Magistério Pontifício

A partir de Leão XIII, a Igreja passou a destacar a dimensão missionária da aparição guadalupana. O Papa, em sua encíclica *Quamquam Pluries* (1889), exaltou Maria como “auxílio poderoso dos cristãos” e modelo de fé diante das mudanças da modernidade — palavras que se aplicam perfeitamente à presença de Nossa Senhora de Guadalupe no contexto do continente americano.

Pio XII, por sua vez, foi o primeiro pontífice a se referir explicitamente a Maria de Guadalupe como “Rainha do México e Imperatriz das Américas”. Em sua alocução de 12 de outubro de 1945, destacou que “a imagem milagrosa da Virgem Maria, deixada em seu manto sobre o Tepeyac, é prova de sua ternura e de sua missão providencial para o Novo Mundo”. Para o Papa, o evento guadalupano não é apenas local, mas um sinal da maternidade universal de Maria, que abraça todos os povos do continente e os conduz à unidade na fé.

O Concílio Vaticano II aprofundou essa perspectiva, especialmente no capítulo VIII da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, que descreve Maria como “membro eminente e inteiramente singular da Igreja, tipo e modelo da mesma” (*LG*, 53).

À luz desse ensinamento, Guadalupe é vista como sinal da Igreja em sua dimensão materna e evangelizadora: Maria é a primeira discípula e missionária, e sua aparição no Tepeyac manifesta a Igreja que nasce do encontro entre culturas e se renova no amor.

São Paulo VI, ao retomar o espírito conciliar, reconheceu em Guadalupe o modelo de inculturação da fé. Em 1970, durante seu pontificado, afirmou que a Virgem do Tepeyac é “a estrela da evangelização da América Latina”, porque sua mensagem uniu o Evangelho à sensibilidade e às tradições dos povos indígenas.

Essa interpretação encontra eco na exortação *Evangelii Nuntiandi* (1975), na qual Paulo VI ensina que a evangelização deve “transformar e renovar os critérios de julgamento, os valores determinantes, os pontos de interesse, as linhas de pensamento e as fontes inspiradoras” de uma cultura (*EN*, 19). Guadalupe é, portanto, uma evangelização encarnada, expressão viva do encontro entre o divino e o humano.



7.2 - João Paulo II e o Reconhecimento da Missão Guadalupana

Entre os papas modernos, São João Paulo II teve um papel decisivo na difusão do culto e na compreensão teológica de Nossa Senhora de Guadalupe. Em suas cinco visitas ao México e em múltiplos documentos, o pontífice polonês interpretou Guadalupe como o coração espiritual da América. Durante a canonização de Juan Diego, em 2002, ele afirmou:

“Na mensagem de Guadalupe, Maria aparece como a Mãe que se faz próxima, que acolhe e consola, que une e evangeliza. Ela é a estrela da nova evangelização deste continente.”

Para João Paulo II, Guadalupe é o paradigma da Igreja em missão. Em sua exortação apostólica *Ecclesia in America* (1999), o Papa dedicou todo o número 11 à Virgem do Tepeyac, declarando que “a presença maternal de Maria, sob o título de Nossa Senhora de Guadalupe, tem sido e continua sendo um fator determinante para a evangelização e para a integração dos povos americanos”. Ele via na imagem milagrosa uma síntese perfeita entre fé e cultura, entre a graça e a história, fazendo de Guadalupe um ícone da comunhão entre os povos e da esperança cristã.

Sob essa ótica, a mensagem guadalupana é teologicamente cristocêntrica: Maria aparece não para ser o centro, mas para conduzir a Cristo. A imagem milagrosa, portanto, não é apenas símbolo de ternura, mas de missão. Ela proclama silenciosamente o mistério da Encarnação — a flor no manto, o sol e a lua, as estrelas e o cinto de maternidade — todos apontam para o Verbo que se fez carne. A Igreja, ao venerar Guadalupe, venera o Deus que se fez homem e habita entre os povos, revelando sua glória através da simplicidade da fé.

7.3 - Bento XVI e Francisco: Continuidade e Atualidade da Mensagem

O Papa Bento XVI, em sua visita a Aparecida em 2007, reafirmou a importância teológica de Guadalupe ao lembrar que “Maria, sob o título de Nossa Senhora de Guadalupe, conduziu a Cristo os povos do continente americano e continua a fazê-lo com ternura materna”. Essa mesma perspectiva inspirou a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, realizada em Aparecida, cujo Documento final — redigido sob a orientação de então cardeal Jorge Mario Bergoglio — reconhece Maria como “discípula missionária e estrela da evangelização” (*DAp*, n. 266).

O Papa Francisco, dando continuidade a essa visão, enfatiza a dimensão pastoral e social da mensagem guadalupana. Em suas homilias e discursos, ele destaca que Maria de Guadalupe “fala a todos, mas especialmente aos mais pobres, aos povos originários e aos descartados”. Para o Papa, a Virgem do Tepeyac é ícone da Igreja em saída, que se aproxima dos feridos e das periferias existenciais. Na homilia do dia 12 de dezembro de 2016, Francisco afirmou:

“Maria de Guadalupe ensina-nos a ouvir o clamor dos povos, a guardar a sua esperança e a construir uma civilização do amor.”

Essa leitura pastoral reflete o coração do pontificado atual: uma Igreja próxima, misericordiosa e missionária. Guadalupe, sob essa ótica, não é apenas memória do passado, mas profecia do presente e do futuro. Ela nos recorda que a evangelização autêntica nasce do amor, e que a Igreja deve ser mãe que acolhe, não juíza que condena.

7.4 - Guadalupe como síntese da mariologia católica

À luz de todo o magistério, a Igreja reconhece em Nossa Senhora de Guadalupe uma síntese viva da mariologia católica. Nela se unem as dimensões bíblica, dogmática e pastoral do mistério mariano. Como Mãe de Deus (*Theotokos*), Maria participa do desígnio redentor de Cristo; como Mãe da Igreja, ela cuida dos fiéis e intercede por eles; como discípula e missionária, ela ensina o caminho da fé.

Guadalupe é, portanto, expressão da presença materna de Maria na história da salvação, adaptada ao contexto do Novo Mundo. Seu rosto mestiço revela a universalidade da graça, sua linguagem simbólica fala ao coração humano, e sua mensagem permanece atual: “Não estou eu aqui, que sou tua Mãe?”. Nessa frase, a Igreja reconhece o eco da promessa divina que atravessa toda a Escritura — o Deus que se faz próximo, que consola e que salva.

Sob a ótica da Igreja Católica, Nossa Senhora de Guadalupe é mãe, evangelizadora e modelo de inculturação. É a ponte entre o céu e a terra, entre Cristo e a humanidade, entre o Evangelho e a cultura. Sua presença, celebrada em toda a América, continua a ser fonte de conversão, unidade e esperança.

Assim, o magistério e a tradição viva da Igreja não apenas confirmam a autenticidade do evento guadalupano, mas o elevam à condição de ícone teológico da misericórdia divina, mostrando que Maria continua a realizar, hoje, o que iniciou no Tepeyac: conduzir todos os povos à fé viva em seu Filho Jesus Cristo.

8 - Conclusões

Ao concluirmos este estudo sobre a história e a veneração católica de Nossa Senhora de Guadalupe, torna-se evidente que o acontecimento do Tepeyac transcende o âmbito de uma devoção particular: ele representa um momento singular da história da salvação, em que a graça divina se fez visível de maneira maternal, concreta e profundamente encarnada. Naquele encontro entre Maria e o humilde Juan Diego, a Igreja reconhece o gesto de um Deus que fala nas linguagens do coração humano

e se revela através da ternura. Guadalupe é, pois, o testemunho de um cristianismo que se faz próximo, de uma fé que se reveste das cores, da música e da alma dos povos.

A Virgem morena do Tepeyac continua a ecoar, ao longo dos séculos, a mensagem do Evangelho: o amor de Deus não conhece fronteiras, e sua misericórdia se estende a todos. Na figura de Maria, o povo latino-americano descobriu não apenas uma intercessora, mas uma presença viva, um reflexo do próprio rosto de Cristo. Sua imagem, estampada no manto do indígena e gravada no coração do continente, tornou-se símbolo de esperança para os que sofrem, consolo para os que choram e farol para os que caminham nas sombras. Guadalupe é o ícone de uma fé que nasce do encontro, floresce na simplicidade e frutifica na comunhão.

Teologicamente, Guadalupe manifesta o mistério da ternura divina. Em tempos de conflito e dor, Maria aparece como mãe que reconcilia, que acolhe e que devolve dignidade aos esquecidos. Seu rosto mestiço fala ao coração dos povos da América, que se reconhecem nela como filhos amados e incluídos. Essa dimensão é profundamente evangélica: como ensina o Papa Francisco, “Deus prefere falar a partir dos pequenos, dos que não contam, dos que o mundo despreza”.

Em Guadalupe, Deus se revela não em poder e glória, mas em delicadeza e amor. Maria é o sinal dessa presença humilde de Deus, que não domina, mas serve; que não impõe, mas convida. A Igreja Católica, ao venerar a Mãe do Tepeyac, contempla o rosto misericordioso do Pai que visita o seu povo e o renova. Por isso, a mensagem guadalupana permanece atual: ela é um chamado à conversão do coração, à confiança filial e à esperança ativa.

Guadalupe lembra-nos que a fé autêntica é sempre encarnada — que Deus se deixa encontrar nas realidades concretas da vida, nas dores e alegrias do cotidiano, e que a santidade floresce quando o amor se faz gesto. A espiritualidade guadalupana é, nesse sentido, profundamente cristocêntrica: Maria nos conduz sempre ao seu Filho, fonte de vida e de redenção.

A presença de Nossa Senhora de Guadalupe moldou a identidade espiritual e cultural da América Latina. Desde o século XVI, sua imagem foi ponto de convergência entre mundos diferentes: o indígena, o europeu e o africano. Em seu rosto se encontra a reconciliação possível, a síntese entre fé e cultura, a harmonia entre o divino e o humano.

Os povos latino-americanos aprenderam, por meio de Guadalupe, a compreender que a fé cristã não destrói as raízes, mas as eleva e as transfigura. Ela ensina que a evangelização verdadeira não é imposição, mas encontro; não é conquista, mas diálogo. Por isso, Maria do Tepeyac continua sendo modelo de inculturação e comunhão, mostrando que o Evangelho floresce quando é acolhido com o coração e traduzido na linguagem da própria vida.

Hoje, a devoção guadalupana continua viva nas romarias, nos cânticos, nas imagens levadas em procissões e nas orações murmuradas nas casas simples. Essa fé, profundamente popular, é também profundamente teológica, pois expressa o núcleo do cristianismo: o encontro pessoal e comunitário com Cristo. Como afirmou o Documento de Aparecida, “a piedade popular é o modo como a fé se torna cultura e se expressa na vida dos povos” (*DAp*, n. 263). Guadalupe é o coração dessa piedade, a Mãe que guarda o Evangelho no coração de seus filhos.

A Igreja Católica, em seu magistério, tem reiterado que a mensagem de Guadalupe é de alcance universal. Ela não pertence apenas ao México ou à América Latina, mas a toda a Igreja, como sinal da presença materna de Maria na evangelização. Leão XIII, Pio XII, Paulo VI, João Paulo II, Bento XVI e Francisco viram, em diferentes tempos e contextos, a atualidade desse evento. Cada um, à sua maneira, destacou que Guadalupe é o rosto mariano da Igreja em missão, a mãe que acolhe os povos e os conduz à comunhão.

Para o futuro, a mensagem guadalupana convida os cristãos a viverem uma fé madura, comprometida e misericordiosa. Em um mundo fragmentado e carente de sentido, Guadalupe recorda que o cristianismo é caminho de reconciliação e de amor. Ela ensina que o Evangelho deve ser encarnado nas culturas e nas realidades sociais, como fez Maria ao aparecer no Tepeyac, assumindo a linguagem e o rosto de um povo.

O Papa Francisco, em sua homilia de 12 de dezembro de 2020, disse:

“A Mãe de Guadalupe não é uma lembrança distante, mas uma presença viva que acompanha e consola o seu povo. Ela é a mãe da verdadeira esperança.”

Essa esperança é o dom que Maria continua a oferecer aos povos da América e do mundo: a certeza de que Deus não abandona, mas caminha conosco. A devoção guadalupana é, portanto, fonte de consolação e de missão, pois quem encontra Maria se deixa conduzir por ela ao encontro de Cristo.

Em última síntese, Nossa Senhora de Guadalupe é o ícone da misericórdia divina encarnada na história dos povos. Sua mensagem, nascida no coração da América, fala hoje a todo o mundo: fala de unidade em meio à diversidade, de amor em meio à dor, de fé em meio à incerteza. Em seu olhar sereno, os cristãos encontram o reflexo do olhar de Cristo; em suas palavras de ternura, a promessa do Evangelho; em sua imagem silenciosa, o eco da presença de Deus.

Guadalupe é a Mãe da Esperança. Ela recorda à Igreja sua vocação de mãe e discípula, chamada a acolher, cuidar e evangelizar. Seu exemplo inspira a viver uma fé encarnada, sensível aos pobres e aberta ao diálogo, fiel ao Evangelho e às necessidades do tempo presente.



Que a Virgem de Guadalupe, Rainha das Américas, continue a iluminar o caminho dos povos com sua luz maternal, para que o continente e o mundo redescubram, sob seu manto de estrelas, o amor redentor de Cristo. E que, com as palavras do humilde Juan Diego, a humanidade inteira possa repetir, em confiança e ternura: “Não estou eu aqui, que sou tua Mãe?”

9 – Referências Bibliográfica

Bíblia Sagrada (Lc 1–2; Jo 2; Ap 12)

Concílio Vaticano II, *Lumen Gentium* (Cap. VIII)

São João Paulo II, *Redemptoris Mater* (1987)

Papa Francisco, *Evangelii Gaudium* (2013)

Documento de Aparecida (2007)

Congregação para o Culto Divino, *Diretório sobre Piedade Popular e Liturgia* (2001)

Homilias e discursos dos Papas sobre Nossa Senhora de Guadalupe



O Legado de Maria: Um Chamado à Humildade e ao Serviço

Maria Bernadete Miranda
mbernadetemiranda@gmail.com

"Todas as gerações me chamarão bem-aventurada!" (Lucas 1,48)

Resumo

Neste artigo, iremos explorar o impacto duradouro de Maria e como seu exemplo continua a ecoar através dos séculos, convidando-nos a seguir seus passos de humildade e serviço amoroso a Deus e ao próximo. Ao mergulharmos na vida e nos ensinamentos de Maria, somos lembrados da essência do chamado cristão - viver uma vida de amor, serviço e fé inabalável.

Abstract

In this article, we will explore the lasting impact of Mary and how her example continues to resonate through the centuries, inviting us to follow in her footsteps of humility and loving service to God and neighbor. As we delve into the life and teachings of Mary, we are reminded of the essence of the Christian calling – to live a life of love, service, and unwavering faith.

1 - Introdução

No coração da tradição cristã reside uma figura cujo impacto transcende o tempo e as fronteiras denominacionais - Maria, a mãe de Jesus. Seu papel no relato bíblico é de importância incomparável, mas é sua humildade, devoção e serviço que a tornam uma figura verdadeiramente inspiradora para as gerações posteriores.

Desde a proclamação do anjo Gabriel até suas palavras proféticas registradas no Evangelho de Lucas - *"todas as gerações me chamarão bem-aventurada"* - Maria tem sido venerada como um modelo de santidade e virtude. Seu legado ressoa até hoje, desafiando-nos a refletir sobre as profundezas da humildade e a generosidade do serviço.

Unindo-nos à legião daqueles que chamam Maria de bem-aventurada, embarquemos em uma jornada de descoberta e inspiração, enquanto exploramos o rico tesouro espiritual deixado por essa mulher extraordinária de fé.

No Evangelho de Lucas, capítulo 1, versículo 48, Maria, a mãe de Jesus, proclama com humildade e gratidão: *"Porque atentou na baixeza de sua serva; pois eis que desde agora todas as gerações me chamarão bem-aventurada."*

Essa afirmação poderosa de Maria ecoa através dos séculos, inspirando gerações de fiéis e levantando questões profundas sobre sua significância, portanto, exploremos mais a fundo o real significado dessas palavras até hoje.

2 - A Humildade de Maria

Ao dizer que "*todas as gerações me chamarão bem-aventurada*", Maria demonstra uma humildade notável. Ela reconhece sua posição como serva de Deus e aceita com gratidão o papel que lhe foi dado na história da salvação. Maria não se envaidece com sua posição especial como mãe de Jesus, mas sim reconhece que é por meio da graça de Deus que ela é abençoada.

A humildade de Maria é um tema central na tradição cristã e é especialmente evidente em sua resposta à mensagem do anjo Gabriel no relato bíblico. Quando o anjo anuncia a Maria que ela será a mãe do Filho de Deus, ela responde com as palavras famosas: "*Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra*" (Lucas 1:38).

Essa resposta de Maria é um exemplo notável de humildade e submissão à vontade de Deus. Em vez de questionar ou duvidar do plano divino, Maria aceita-o de todo o coração, mesmo que isso signifique enfrentar desafios e dificuldades imensas. Sua disposição em servir a Deus e cumprir seu papel designado é um testemunho de sua profunda fé e devoção.

Além disso, ao longo do relato bíblico, Maria é retratada como uma figura humilde e piedosa, que confia completamente em Deus e se submete à Sua vontade. Ela não busca glória ou reconhecimento para si mesma, mas em vez disso, direciona toda a sua atenção para glorificar a Deus e cumprir Seus propósitos.

Mesmo depois de dar à Luz Jesus e testemunhar os eventos extraordinários associados ao Seu nascimento, Maria continua a exibir humildade em sua vida cotidiana. Ela permanece simples e devota, encontrando sua alegria e satisfação no serviço a Deus e aos outros.

A humildade de Maria é uma inspiração para os cristãos de todas as épocas, lembrando-nos da importância de nos submetermos à vontade de Deus em nossas próprias vidas. Ela nos ensina que a verdadeira grandeza não está em buscar status ou reconhecimento pessoal, mas em servir a Deus e aos outros com amor e humildade.

3 - O Amor e a Humildade de Maria nas Manifestações Marianas

As manifestações marianas, também conhecidas como "aparições" ou "mariofanias", são eventos em que Maria, mãe de Jesus, é relatada como tendo aparecido a indivíduos em diferentes partes do mundo. Essas manifestações têm sido fonte de conforto, cura e orientação espiritual para milhões de

pessoas ao longo da história. Através dessas manifestações, Maria serve as pessoas com amor e humildade de várias maneiras, por exemplo:

3.1 - Consolo e Esperança

Muitas das manifestações marianas ocorreram em momentos de dificuldade e crise, oferecendo conforto e esperança aos que sofrem. Maria é frequentemente retratada como uma mãe amorosa que se preocupa com o bem-estar de seus filhos, oferecendo palavras de consolo e encorajamento em tempos de necessidade.

O encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida pelos pescadores é um evento significativo na história da devoção mariana no Brasil. A história remonta ao século XVIII, quando três pescadores - Domingos Garcia, João Alves e Filipe Pedroso - lançaram suas redes nas águas do Rio Paraíba do Sul, na região de Guaratinguetá, atualmente cidade de Aparecida, no estado de São Paulo.

Após uma manhã infrutífera de pesca, os pescadores lançaram suas redes mais uma vez, na esperança de obter uma boa colheita de peixes. Quando retiraram as redes das águas, encontraram em suas malhas o corpo de uma estátua de madeira coberta de lama e sem cabeça. Surpresos, os pescadores lançaram novamente suas redes, e desta vez recuperaram a cabeça da estátua. Após esse encontro extraordinário, os pescadores decidiram continuar pescando em outro local, e mais uma vez suas redes foram preenchidas com uma abundância de peixes.

Esse encontro da imagem quebrada da Virgem Maria, conhecida como Nossa Senhora Aparecida, foi interpretada pelos pescadores como um sinal divino. Eles viram na imagem uma manifestação da presença e da providência de Deus em suas vidas.

Com base nesse evento milagroso, a devoção a Nossa Senhora Aparecida começou a se espalhar rapidamente entre os fiéis da região e, posteriormente, por todo o Brasil. O encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida pelos pescadores é visto como um símbolo de esperança e conforto, especialmente para os mais humildes e necessitados.

A imagem quebrada encontrada pelos pescadores foi restaurada e se tornou o centro de devoção e peregrinação na Basílica de Nossa Senhora Aparecida, que hoje é um dos maiores Santuários marianos do mundo.

Essa história inspiradora é lembrada e celebrada pelos fiéis como um testemunho do amor e da proteção de Maria, que se manifesta de maneira especial aos que mais precisam de sua intercessão e cuidado. O encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida pelos pescadores é um lembrete poderoso da presença contínua de Maria como mãe e protetora de todos os seus filhos.

3.2 - Oração e Intercessão

Nas aparições marianas, Maria muitas vezes convida as pessoas a rezarem o rosário, a buscarem a reconciliação com Deus e a se arrependerem de seus pecados. Ela é vista como uma intercessora poderosa que ouve as preces de seus devotos e intercede por eles diante de Deus.

Na primeira aparição em Fátima, este foi o pedido que Nossa Senhora fez aos três pastorinhos, “*Rezem o terço, todos os dias, para alcançarem a paz para o mundo e o fim da guerra.*” O mundo estava em guerra. Nossa Senhora pediu a oração do Terço em todas as suas aparições em Fátima de maio a outubro de 1917.

A oração do Terço é uma forma de aprofundar o relacionamento filial com Nossa Senhora, estreitando os laços de amor e amizade com a Virgem, que é portadora da Misericórdia Divina e medianeira das graças de Nosso Senhor.

Segundo São João Paulo II “*o Rosário, lentamente recitado e meditado em família, em comunidade, pessoalmente – vos fará penetrar pouco a pouco nos sentimentos de Jesus Cristo e de sua Mãe, evocando todos os acontecimentos que são a chave de nossa salvação.*”¹

3.3 - Cura e Proteção

Muitos relatos de aparições marianas incluem testemunhos de curas milagrosas e proteção contra perigos físicos e espirituais. Maria é vista como uma protetora que está sempre vigilante em relação aos perigos que ameaçam seus filhos e que intervém em seu favor quando necessário.

A aparição de Lourdes é uma das mais comoventes manifestações da Virgem Maria. Nossa Senhora apareceu à Marie-Bernard Soubirous, uma jovem que posteriormente ficou conhecida como Santa Bernadete, que registrou essa aparição sobrenatural com o seguinte relato: “*Vi, então, uma Senhora vestida de branco; tinha um vestido alvo com uma faixa azul celeste na cintura e uma rosa de ouro em cada pé, da cor do rosário que trazia com ela. Somente na terceira vez, a Senhora me falou e perguntou-me se eu queria voltar ali durante quinze dias. (...) repetiu-me, várias vezes, que dissesse aos sacerdotes para construir, ali, uma capela. Ela mandava que fosse à fonte para lavar-me e que rezasse pela conversão dos pecadores. Muitas e muitas vezes perguntei-lhe quem era, mas ela apenas sorria com bondade. Finalmente, com braços e olhos erguidos para o céu, disse-me que era a Imaculada Conceição*”.

¹ VATICAN. São João Paulo II. *Carta apostólica rosarium Virginis Mariae do sumo pontífice João Paulo II ao episcopado ao clero e aos fiéis sobre o rosário.* Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2002/documents/hf_jp-ii_apl_20021016_rosarium-virginis-mariae.pdf Acesso em: 20/02/2024.

Na época, o dogma da Imaculada Conceição ainda era novo e pouco divulgado, por isso o fato daquela menina conhecer o título de Imaculada Conceição era algo extraordinário e que confirmava a veracidade do dogma.

Naquele local da aparição brotou uma fonte, que até hoje cura doentes que chegam do mundo todo, mostrando o grande sinal da presença da Mãe de Deus.

Em sua aparição, Nossa Senhora pediu que rezássemos, nos convertêssemos e principalmente rezássemos pelo clero. Relembrou a necessidade da oração, da penitência e da caridade Cristã.

Em Lourdes, apelou para a oração dos mais simples, porque sabia que o Clero estava fortemente enfraquecido, e a fé da França estava se perdendo depois das fortes perseguições da Revolução Francesa à Igreja, a partir de 1789.

Naquela fonte que brotou, onde Nossa Senhora de Lourdes apareceu, muitos milagres aconteceram. Doentes de todos os cantos peregrinavam e ainda peregrinam para lá em busca de cura.

Por isso ela é a “*Padroeira dos Enfermos*”. No seu dia, 11 de fevereiro, o Santo Padre João Paulo II, em 1992, proclamou o Dia do Enfermo.

Com efeito, da fonte de Lourdes brotou a saúde, com a promessa de Nossa Senhora de que a fonte “*lavará a alma suja dos pecadores, dos que se arrependem de seus desacertos, daqueles que têm fé em Deus, produzindo o milagre da conversão e da cura dos males*”.

Dessa forma, pela sua intercessão os doentes podem ser curados e encontrar consolo no colo da Mãe.

3.4 - Chamado à Conversão e Santidade

Em muitas aparições, Maria chama as pessoas à conversão, ao arrependimento e à vivência de uma vida santa. Ela exorta os fiéis a abandonarem o pecado, a se reconciliarem com Deus e a viverem de acordo com os ensinamentos de Jesus Cristo.

À propósito, cita-se a aparição de Nossa Senhora de Medjugorje que teve seu início em 24 de junho de 1981, quando seis crianças da cidade de Medjugorje, na Bósnia e Herzegovina, afirmaram ter visto a Virgem Maria. As crianças, conhecidas como os videntes de Medjugorje, relataram que Maria apareceu a elas em uma colina próxima à cidade, conhecida como Podbrdo.

As aparições de Nossa Senhora de Medjugorje são caracterizadas por mensagens de paz, conversão, oração e jejum. Maria é relatada como tendo transmitido mensagens de amor e esperança, exortando os fiéis a se voltarem para Deus, a viverem de acordo com os ensinamentos de Jesus Cristo e a rezarem pela paz no mundo.



Embora as aparições de Medjugorje encontram-se sob o exame das autoridades eclesiásticas e ainda não foram oficialmente reconhecidas como autênticas pela Igreja Católica, muitos fiéis continuam acreditando e vivenciam nelas uma fonte de inspiração espiritual e fortalecimento da fé.

Em maio de 2019, o Papa Francisco autorizou oficialmente a organização de peregrinações a Medjugorje. A Santa Sé explicou que se deve “*evitar que tais peregrinações criem confusão ou ambiguidade sobre o aspecto doutrinal*”.

Em agosto de 2020, o papa enviou uma mensagem aos jovens reunidos em Medjugorje pelo festival anual “*Venham e Vejam*”, para encorajá-los a imitar a Virgem Maria e que “*a luz da esperança não se apague*”.

Segundo o teólogo francês René Laurentin:² “*A graça e os frutos continuam a se manifestar em Medjugorje. Se essas aparições marianas são verdadeiramente o fruto do céu, então ninguém poderá se opor a elas. Não devemos ter pressa*”.

Para o prof. Antonio Grasso³, “*a verdadeira função das aparições é ser uma luz interpretativa da Revelação através de cuja mediação a realidade do sobrenatural é colocada em evidência. A relatividade das aparições não justifica sua recusa e sua desvalorização, pois se autênticas, pertencem à categoria das graças livremente doadas pelo Céu e devem ser recebidas com gratidão*”.⁴

À vista disso, independentemente de sua autenticidade, as aparições de Nossa Senhora de Medjugorje tiveram um impacto significativo na vida espiritual de muitas pessoas ao redor do mundo.

Elas servem como um lembrete da importância da oração, da conversão e da busca pela paz e reconciliação, e continuam a atrair peregrinos em busca de conforto espiritual e encontro com o divino.

Com efeito, Maria é um exemplo vivo de humildade e serviço, tanto nas aparições quanto em sua vida terrena. Ela se apresenta como uma serva humilde de Deus, pronta para cumprir Seus desígnios e a servir os outros com amor e compaixão.

Sendo assim, através das aparições marianas, Maria continua a servir as pessoas com amor e humildade, oferecendo conforto, esperança, cura, proteção e orientação espiritual. Ela se apresenta como uma mãe amorosa e compassiva, pronta para interceder por seus filhos e guiá-los no caminho da fé e da santidade. Suas manifestações são um lembrete poderoso do amor infinito de Deus e da presença constante de Maria como nossa mãe espiritual e intercessora junto a Ele.

² LAURENTIN, René. Teólogo francês (1917/2017), doutor em Mariologia e reconhecido especialista no estudo de aparições marianas.

³ GRASSO, Antonino. Mariólogo, Professor do Instituto Superior de Ciências Religiosas "San Luca" de Catania, Sicília, membro da Pontifícia Academia Mariana Internacional e autor de numerosos livros dedicados à Virgem Maria.

⁴ VATICAN NEWS. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2019-05/papa-francisco-medjugorje-atencao-pastoral-mariologo.html> Acesso em: 21/02/2024.



4 - Visões Marianas: Diversidade de Perspectivas

Certamente as perspectivas para compreender o fenômeno das visões e aparições de Maria são variadas e dependem das crenças e abordagens individuais de cada pessoa ou instituição, portanto, analisamos neste estudo algumas perspectivas comuns, são elas:

4.1 - Perspectiva Religiosa Tradicional

Para muitos fiéis, as aparições de Maria são vistas como intervenções divinas, onde a Virgem Maria aparece como um sinal de graça, conforto, ou para transmitir mensagens importantes sobre fé, moralidade e oração. Nesta perspectiva, as aparições são consideradas como manifestações reais da presença espiritual de Maria.

4.2 - Perspectiva Psicológica

Algumas abordagens psicológicas interpretam as visões e aparições marianas como fenômenos psicológicos, tais como alucinações, ilusões ou projeções mentais, que podem ser influenciadas por fatores como crenças religiosas, expectativas culturais, trauma emocional, ou estados alterados de consciência. Nesta perspectiva, as experiências são vistas como produtos da mente humana, sem necessariamente ter uma base externa objetiva.

4.3 - Perspectiva Cultural e Sociológica

Para muitas comunidades, as aparições marianas são eventos culturais e sociais significativos que desempenham papéis importantes na identidade coletiva, na coesão comunitária e na expressão da religiosidade popular. Nessas perspectivas, as aparições são entendidas dentro de um contexto sociocultural mais amplo, onde as interpretações e significados são moldados pelas tradições, valores e práticas locais.

4.4 - Perspectiva Crítica e Cética

Alguns pesquisadores e cépticos abordam as aparições marianas com um olhar crítico, questionando sua autenticidade e analisando os possíveis motivos por trás dos relatos, tais como interesses políticos, desejo de fama, ou fenômenos psicológicos. Essas perspectivas enfatizam a necessidade de evidências objetivas e investigações imparciais para validar a autenticidade das aparições.



4.5 - Perspectiva Espiritual e Transcendental

Há também aqueles que interpretam as aparições marianas como manifestações de uma realidade espiritual mais ampla, transcendendo explicações puramente materiais ou psicológicas. Para essas pessoas, as aparições podem ser vistas como revelações divinas ou encontros com o sagrado, que têm o potencial de transformar vidas e despertar uma consciência espiritual mais profunda.

Em síntese, essas são apenas algumas das perspectivas que podem ser adotadas para compreender o fenômeno das visões e aparições de Maria. É importante reconhecer que diferentes pessoas podem interpretar esses eventos de maneiras diversas, com base em suas próprias crenças, experiências e abordagens metodológicas.

5 - O Exemplo de Maria

A humildade de Maria nos desafia a examinar nossas próprias atitudes em relação ao reconhecimento e louvor. Ela nos lembra que a verdadeira grandeza está em servir a Deus e aos outros com humildade e amor. Ao invés de buscar elogios e reconhecimento para nós mesmos, devemos seguir o exemplo de Maria e procurar glorificar a Deus em tudo o que fazemos.

O exemplo de Maria oferece uma fonte inesgotável de inspiração e ensinamentos para os cristãos em todas as épocas. Sua vida exemplifica uma série de virtudes que são essenciais para uma jornada espiritual significativa.

À propósito, destaca-se a seguir alguns aspectos importantes do exemplo de Maria:

5.1 - Humildade e Submissão à Vontade de Deus

Conforme mencionado anteriormente, a humildade de Maria é uma característica central de sua vida. Ela nos ensina a importância de nos submetermos à vontade de Deus, mesmo quando não compreendemos completamente Seus planos. Em um mundo que muitas vezes valoriza a autoafirmação e a busca pelo sucesso pessoal, o exemplo de Maria nos lembra da importância de reconhecer nossa dependência de Deus e estar dispostos a servi-Lo de todo o coração.

5.2 - Fé Inabalável

Maria demonstra uma fé inabalável em Deus, mesmo diante de circunstâncias difíceis e desconcertantes. Desde o momento em que aceita o chamado do anjo Gabriel até os momentos de tribulação durante a vida de Jesus, Maria confia plenamente na fidelidade e no poder de Deus. Seu exemplo nos encoraja a cultivar uma fé semelhante, confiando que Deus está sempre conosco, mesmo nos momentos mais sombrios.



5.3 - Devoção e Oração

Maria é frequentemente retratada como uma mulher de oração e devoção. Ela nos ensina a importância de cultivar uma vida espiritual profunda, marcada pela comunhão íntima com Deus. Ao seguir seu exemplo, somos encorajados a dedicar tempo regular para a oração, reflexão e estudo das Escrituras, fortalecendo assim nossa conexão com o Divino.

5.4 - Amor e Serviço aos Outros

Maria exemplifica o verdadeiro amor e serviço aos outros, especialmente através de seu cuidado e dedicação a Jesus.

Ela se coloca à disposição para servir, seja cuidando das necessidades físicas de sua família ou compartilhando o amor de Cristo com os outros. Seu exemplo nos desafia a amar e servir aos nossos semelhantes com generosidade e compaixão, seguindo o exemplo de Cristo.

5.5 - Persistência e Resiliência

A vida de Maria não foi isenta de desafios e adversidades, mas ela perseverou com coragem e determinação, confiando na graça de Deus para sustentá-la.

Seu exemplo nos lembra que, embora possamos enfrentar dificuldades ao longo de nossa jornada, podemos encontrar força na presença e no poder de Deus para superar qualquer obstáculo que surja em nosso caminho.

Em suma, o exemplo de Maria é uma fonte de inspiração e orientação espiritual, convidando-nos a seguir seus passos de humildade, fé, devoção, amor e perseverança. Ao imitar suas virtudes, podemos nos aproximar mais de Deus e viver uma vida que reflete Seu amor e propósito para nós.

6 - O Impacto Duradouro de Maria

Maria profetizou que todas as gerações a chamariam de bem-aventurada, e de fato, seu impacto perdura até hoje. Milhões de pessoas ao redor do mundo continuam a venerar Maria como modelo de fé e devoção. Sua influência transcende fronteiras e culturas, unindo os fiéis em uma comunhão de amor e devoção.

O impacto duradouro de Maria transcende os séculos e continua a influenciar a fé, a cultura e a espiritualidade em todo o mundo. Sua profecia de que todas as gerações a chamariam de bem-aventurada é verdadeira, pois seu legado está profundamente enraizado na consciência coletiva da humanidade. Destaca-se a seguir algumas maneiras pelas quais o impacto de Maria perdura até hoje:



6.1 - Devoção Mariana:

Maria é venerada em muitas tradições cristãs como um modelo de santidade e virtude. A devoção mariana é uma parte central da espiritualidade de milhões de fiéis em todo o mundo, manifestando-se em formas como a recitação do Rosário, peregrinações a santuários marianos e festas em sua honra. Essa devoção continua a inspirar os cristãos a buscar a intercessão de Maria e a seguir seu exemplo de fé e devoção a Deus.

6.2 - Arte e Cultura

Ao longo da história, Maria tem sido uma musa inspiradora para artistas, poetas, músicos e escritores. Sua imagem é frequentemente retratada em pinturas, esculturas, músicas e obras literárias, transmitindo sua beleza espiritual e maternal.

A influência de Maria na arte e na cultura é verdadeiramente abrangente e profunda, permeando diferentes formas de expressão ao longo dos séculos. Ela é retratada como um símbolo de pureza, amor maternal e graça divina, inspirando artistas, poetas, músicos e escritores a explorar sua figura de maneiras variadas e significativas.

6.3 – Pintura

Desde os primeiros séculos do Cristianismo, Maria tem sido uma musa inspiradora para os artistas, sendo retratada em inúmeras pinturas que variam desde representações simples até obras-primas elaboradas. Um dos temas mais comuns é o "*Madonna e o Menino*", representando Maria com o menino Jesus em seus braços.

Artistas renomados como Rafael de Sanzio, Sandro Botticelli, Leonardo da Vinci e Michelangelo dedicaram suas habilidades artísticas a retratar Maria de maneira bela e reverente. Suas pinturas capturam não apenas a beleza física de Maria, mas também sua aura espiritual e maternal.

6.4 - Escultura

Assim como na pintura, Maria também foi uma fonte de inspiração para escultores ao longo dos séculos. Esculturas de Maria, muitas vezes em mármore, pedra ou bronze, adornam igrejas, catedrais e espaços públicos em todo o mundo. Essas obras de arte não apenas celebram a figura de Maria, mas também convidam os espectadores a contemplar sua santidade e a se conectar com sua presença maternal e acolhedora. Destaca-se a Pietà de Michelangelo.

No Brasil, a escultura de Nossa Senhora Aparecida é uma representação icônica da Virgem Maria, especialmente venerada pelos fiéis católicos brasileiros.

É feita de terracota, uma mistura de argila e outros materiais, e possui aproximadamente 40 centímetros de altura. Ela retrata Maria com as mãos postas em oração e com uma expressão serena e acolhedora. A imagem é adornada com um manto azul bordado e uma coroa de ouro, dada pelos fiéis em agradecimento às graças recebidas através de sua intercessão.

Em outubro de 2023 foi inaugurada em Aparecida uma escultura em aço inoxidável com 50 metros de altura, feita pelo artista plástico Gilmar Pinna e dada à cidade em homenagem aos 300 anos da padroeira do Brasil, transcorridos em 2017.

6.5 - Música

A devoção a Maria também encontrou expressão na música, com numerosas composições dedicadas a ela ao longo da história. Uma das peças mais conhecidas é "*Ave Maria*", uma oração baseada nas palavras do anjo Gabriel a Maria no Evangelho de Lucas. Compositores como Franz Schubert, Johann Sebastian Bach, Giuseppe Verdi e muitos outros criaram suas próprias interpretações musicais da Ave Maria, cada uma capturando a reverência e a beleza da devoção mariana.

6.6 - Literatura

Maria também é uma figura recorrente na literatura, aparecendo em poemas, romances, contos e hinos. Escritores de todas as épocas e culturas foram inspirados por sua história e seu exemplo de fé. Suas qualidades de humildade, devoção e amor maternal são frequentemente exploradas em obras literárias que buscam transmitir sua importância espiritual e cultural.

À propósito cita-se trecho do belíssimo “Poema à Virgem Maria” de São José de Anchieta:

“Cantar ou calar?
Mãe Santíssima de Jesus,
os teus louvores hei de os cantar ou hei de os calar?
A mente alvoroçada
sente-se impelida pelo aguilhão do amor
a oferecer a sua Rainha uns versos...”

Em resumo, a influência de Maria na arte e na cultura é vasta e multifacetada, refletindo sua profunda relevância espiritual e sua capacidade de inspirar admiração e devoção em gerações de fiéis e artistas. Suas representações na literatura, na arte e na música continuam a ressoar através dos séculos, convidando-nos a contemplar sua beleza espiritual e a nos conectar com sua presença maternal e divina.



6.7 - Influência Social e Política

Maria também desempenhou um papel significativo na formação de valores sociais e políticos ao longo da história. Ela é frequentemente associada a ideais de compaixão, cuidado maternal e justiça social. Movimentos sociais e políticos que buscam promover a dignidade humana, os direitos das mulheres e a paz muitas vezes encontram inspiração nos ensinamentos e exemplo de Maria como uma defensora dos marginalizados e oprimidos.

6.8 - Diálogo Inter-religioso

Maria é uma figura que transcende as fronteiras denominacionais e religiosas, sendo reverenciada não apenas pela Igreja Católica Romana, mas, também, pela Igreja Ortodoxa Oriental, Igreja Anglicana e a Igreja Luterana, que veneram a Virgem Maria, cada uma a seu modo. Seu papel como mãe de Jesus e sua disposição para servir a Deus são pontos de convergência que têm sido explorados para promover o diálogo e a compreensão inter-religiosa em um mundo marcado por divisões e conflitos.

6.9 - Inspiração para a Mulher Moderna

O exemplo de Maria como uma mulher de fé, coragem e dignidade continua a inspirar mulheres de todas as culturas e épocas. Ela desafia as noções convencionais de feminilidade e maternidade, oferecendo um modelo de força e graça que ressoa profundamente com as aspirações das mulheres modernas em busca de significado e propósito em suas vidas. Em suma, o impacto duradouro de Maria é evidente em todos os aspectos da vida humana, desde a espiritualidade e a arte até a política e a cultura. Sua influência transcende as fronteiras temporais e religiosas, continuando a inspirar e nutrir as almas daqueles que buscam sua intercessão e seguem seu exemplo de fé e serviço amoroso a Deus e ao próximo.

7 - O Chamado à Humildade e ao Serviço

Ao contemplar as palavras de Maria em Lucas 1:48, somos desafiados a refletir sobre nossa própria busca pela grandeza. Em um mundo que valoriza o poder, a fama e o sucesso, Maria nos lembra que a verdadeira felicidade e bênção vêm da humildade e do serviço a Deus e aos outros. Que possamos seguir seu exemplo e viver vidas de humildade, gratidão e amor.

O legado de Maria nos chama a um compromisso renovado com a humildade e o serviço, oferecendo um modelo atemporal de como viver uma vida verdadeiramente significativa e inspiradora. Sua humildade exemplar, sua disposição para servir a Deus e aos outros, e sua fé inabalável continuam a ecoar através das gerações, desafiando-nos a abraçar essas mesmas virtudes em nossas próprias vidas.



Ao contemplarmos a vida de Maria, somos lembrados da importância de nos humilharmos diante de Deus, reconhecendo nossa dependência total Dele e confiando em Sua sabedoria e providência. Em um mundo que muitas vezes valoriza o egoísmo, o orgulho e a busca pelo poder, o exemplo de Maria nos lembra que a verdadeira grandeza está em servir aos outros com amor e compaixão, sem esperar reconhecimento ou recompensa em troca.

Além disso, o chamado de Maria ao serviço nos desafia a olhar além de nossas próprias necessidades e interesses, e a estender a mão para aqueles que estão em necessidade ao nosso redor. Ela nos lembra que temos um papel a desempenhar no plano de Deus para o mundo, e que mesmo os atos mais simples de bondade e generosidade podem fazer uma diferença significativa na vida dos outros.

Portanto, ao finalizar esta reflexão sobre o impacto duradouro de Maria, somos convidados a renovar nosso compromisso com a humildade, o serviço e a fé. Que possamos seguir o exemplo de Maria em nossa própria jornada espiritual, buscando viver vidas de significado e propósito, servindo a Deus e aos outros com todo o nosso coração, mente e alma. Que possamos nos esforçar para ser verdadeiramente bem-aventurados, seguindo os passos de Maria e nos tornando instrumentos do amor e da graça de Deus no mundo.

Ao encerrar, é evidente que as palavras de Maria - "*todas as gerações me chamarão bem-aventurada*" - em Lucas 1:48 continuam a ressoar poderosamente, inspirando e desafiando todos nós a vivermos vidas de fé e devoção. Que possamos nos unir às gerações passadas e futuras em chamar Maria de bem-aventurada, enquanto buscamos seguir seu exemplo de humildade e serviço a Deus.

8 - Conclusões

À medida que encerramos nossa jornada através do legado de Maria, somos compelidos a refletir sobre as lições atemporais que ela nos deixou. Seu exemplo de humildade, devoção e serviço ressoa profundamente em nossos corações e mentes, desafiando-nos a viver vidas de significado e propósito.

Maria nos lembra que a verdadeira grandeza não é encontrada na busca pelo poder ou pela glória pessoal, mas sim no serviço amoroso aos outros e na submissão à vontade de Deus. Ela nos chama a seguir seu exemplo, imitando sua fé inabalável e seu compromisso com o amor e a compaixão.

Ao nos despedirmos deste estudo sobre o impacto duradouro de Maria, que saibamos levar conosco as lições valiosas que aprendemos com sua vida e exemplo. Que possamos nos esforçar para ser verdadeiramente bem-aventurados, seguindo os seus passos e nos tornando instrumentos do amor e da graça de Deus no mundo.

Que sempre nos lembremos das palavras proféticas de Maria - que todas as gerações a chamariam de bem-aventurada - e nos esforcemos para viver vidas que honram seu legado e glorificam a Deus. Que



continuemos a ser inspirados por sua humildade, sua devoção e seu amor, e que seu exemplo guie e fortaleça nossas jornadas espirituais enquanto seguimos adiante.

Que possamos nos unir à multidão de vozes ao longo dos séculos, chamando Maria de bem-aventurada, reconhecendo a graça e a bênção que ela trouxe ao mundo e à nossa própria caminhada de fé. Que sua luz continue a brilhar sobre nós, iluminando o caminho da verdade e do amor, hoje e para sempre. Amém.

Afinal, “*as cores da vida, são as que pintamos.*” (São José de Anchieta)

Referências Bibliográficas

ÁLVAREZ, Carlos Guillermo. *Maria, discípula de Jesus e mensageira do evangelho*. São Paulo: Paulus, 2065.

AUTRAN, Aleixo Maria. *Maria na bíblia*. São Paulo: Ave Maria, 1998.

BÍBLIA. *A bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 1995.

HAHN, Scott. *Hail, holy queen: The mother of God in the word of God*. Image, 2006.

HAUKE Manfred. *Introdução à mariologia*. Campinas: Ecclesiae. 2021.

SÃO JOSÉ DE ANCHIETA. *Sobre a Virgem Maria mãe de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1996.

_____. *Poema da Bemaventurada Virgem Maria mãe de Deus: de Beata Virgine dei Matre Maria*. Aparecida: Editora Santuário. 2020.

VATICAN. São João Paulo II. *Carta apostólica rosarium Virginis Mariae do sumo pontífice João Paulo II ao episcopado ao clero e aos fiéis sobre o rosário*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2002/documents/hf_jpii_apl_20021016_rosarium-virginis-mariae.pdf Acesso em: 20/02/2024.

VATICAN NEWS. *Decisão do Papa sobre Medjugorje é verdadeira atenção pastoral, diz mariólogo*. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2019-05/papa-francisco-medjugorje-atencao-pastoral-mariologo.html> Acesso em: 21/02/2024.



Poemas e Reflexões



A Mulher Vestida de Sol

Maria Bernadete Miranda
mbernadetemiranda@gmail.com

No alto do Céu resplandece um mistério,
silêncio e luz se entrelaçam no véu da eternidade.

Surge uma Mulher, vestida de Sol,
a lua sob os pés, e nas mãos o amor que vence a noite.

Em seu ventre palpita o Verbo feito promessa,
o fruto bendito da nova criação.
O Dragão ruge, as trevas se agitam,
mas ela permanece firme,
com o coração banhado em confiança.

Seu olhar contém o brilho do amanhecer,
e em seu manto cabem todos os filhos dispersos.
Ela caminha sobre as sombras do mundo,
trazendo em cada passo o perfume da esperança.

Ó Mulher coroada de estrelas,
Tenda viva do Altíssimo,
trono da Graça e porta do Céu,
em ti a dor se faz vitória,
e o exílio se torna caminho de redenção.

És Maria,
Mãe do Sol eterno que nunca se põe,
imagem da Igreja gloriosa,
estrela que guia os peregrinos
no deserto das provações.

Quando o mundo parecer escurecer,
recorda-nos, ó Senhora,
que o Sol de Deus jamais se apaga
e que o teu “sim” continua iluminando os séculos. ☀️

Maria Bernadete Miranda



Reflexão e Espiritualidade da Devoção

A imagem da Mulher vestida de Sol em Apocalipse 12 é uma das mais profundas e simbólicas da Sagrada Escritura. Ela une o mistério de Maria Santíssima ao mistério da Igreja peregrina. A Mulher que traz no seio o Filho de Deus é a mesma que, com dor e glória, participa da luta contra o mal em favor da humanidade.

Maria aparece como ícone da vitória da graça, revestida da luz divina que vence as trevas. Sua veste de Sol representa a plena comunhão com Cristo, o Sol da Justiça (Ml 4,2). A lua sob os pés é símbolo do mundo mutável, que se curva diante da estabilidade da fé. E a coroa de doze estrelas revela tanto as tribos de Israel quanto os Apóstolos — o novo povo de Deus, a Igreja que nasce do seu amor materno.

Em Maria, contemplamos a realização da promessa feita desde o Gênesis: “*Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela*” (Gn 3,15).

Ela é a nova Eva, a Mãe dos viventes, que gera no Espírito a humanidade redimida. Quando o Apocalipse mostra o Dragão que tenta devorar o Menino, vê-se o reflexo da contínua batalha entre o bem e o mal, entre a fé e a incredulidade. Mas a Mulher vence, não por força, mas por fidelidade. Sua arma é o amor. Sua vitória é a do Cordeiro.

Para os peregrinos da esperança, Maria é sinal de consolação no meio da travessia. Assim como ela fugiu para o deserto (Ap 12,6), também nós atravessamos desertos de solidão, incerteza e luta. No entanto, Deus prepara para os que creem um refúgio: o coração de Maria, onde encontramos abrigo, ternura e coragem.

Contemplar a Senhora vestida de Sol é reconhecer que a luz de Cristo já brilha no horizonte da nossa caminhada. Ela nos ensina a olhar para o alto, mesmo quando a estrada é árida. Como Mãe e companheira, ela nos lembra que as dores do parto espiritual que vivemos geram um mundo novo, mais justo, mais humano e mais santo.

O Papa Francisco recorda que Maria “é a mulher da esperança, que brilha no meio da noite e anuncia a aurora” (Evangelii Gaudium, n. 286). Assim, ao invocá-la como Mulher Vestida de Sol, renovamos em nós a certeza de que nenhuma escuridão é capaz de extinguir a luz do amor divino.

Que cada peregrino, ao erguer os olhos para o céu, veja nela não uma lembrança distante, mas uma presença viva — a Mãe que caminha conosco e que, no fim da jornada, nos acolherá na plena luz do Reino.



Oração à Senhora Vestida de Sol

Ó Maria, Senhora Vestida de Sol, Mãe resplandecente da Igreja e dos peregrinos,
nós vos contemplamos gloriosa no Céu, revestida da luz de Cristo e coroada de estrelas.
Vós que esmagais a cabeça do Dragão com vosso amor, defendei-nos nas batalhas da vida.

Quando as sombras se aproximarem, sede nosso escudo de esperança.

Dai-nos um coração firme, fiel e humilde, capaz de dizer “sim” como o vosso,
mesmo quando o deserto for árido e o silêncio parecer o único companheiro.

Mãe da nova criação, ensinai-nos a gerar Cristo no mundo, com gestos de ternura, fé e justiça.
Fazei-nos instrumentos da vitória do Cordeiro, testemunhas do Sol que jamais se apaga.

Ó Mulher vestida de Sol, envolvei-nos em vosso manto luminoso
e conduzi-nos pelos caminhos da graça, até que, livres de toda dor,
possamos cantar convosco eternamente as maravilhas do Senhor. Amém. ☀



Mãe das Águas e da Esperança

Maria Bernadete Miranda
mbernadetemiranda@gmail.com

Nas margens do rio sereno,
três homens lançaram o pão,
mas foi do Céu que veio o aceno,
trazendo em rede uma devoção.

Pequena Imagem, humilde e bela,
brotaste das águas em cor morena,
luz escondida, graça singela,
Mãe do Brasil, ternura plena.

Teu rosto guarda o céu e a terra,
o canto e a dor deste povo irmão,
que entre lágrimas e fé encerra
no Teu olhar sua oração.

Ó Mãe Aparecida, estrela guia,
que brilhas sobre a noite e a dor,
ensina-nos a fé que confia,
o amor que serve, o amor que é flor.

Nas estradas do peregrino cansado,
és consolo, abrigo e farol.
Teu manto azul, sobre o povo amado,
reflete o brilho do eterno sol.

Aparecida, Mãe da Esperança,
Padroeira de um Brasil orante,
acolhe-nos sob Tua aliança,
e leva-nos sempre ao Filho amante.

Que o Teu Rosário, Mãe querida,
una no amor este chão de fé,
e faça da nossa vida
um caminho que a Deus conduz de pé. 

Maria Bernadete Miranda



Reflexão e Espiritualidade da Devoção

A devoção a Nossa Senhora Aparecida nasceu de um gesto simples de fé.

Em 1717, três humildes pescadores — Domingos Garcia, João Alves e Filipe Pedroso — lançaram suas redes no rio Paraíba do Sul, em busca de alimento para o corpo e para o espírito. Após muitas tentativas sem sucesso, encontraram primeiro o corpo de uma pequena imagem escurecida de Nossa Senhora da Conceição, e logo depois, a cabeça, que se ajustou perfeitamente àquela figura partida.

A partir daquele momento, as redes se encheram de peixes — sinal claro de uma graça divina.

A notícia do milagre se espalhou, e a “Imagen Aparecida” começou a ser venerada como símbolo da presença de Maria entre os pobres, os simples e os desvalidos.

Com o tempo, o pequeno oratório ergueu-se em capela, depois em Basílica, até tornar-se o maior Santuário Mariano do mundo.

Espiritualmente, Nossa Senhora Aparecida é a Mãe que acolhe todos os peregrinos da fé, a Estrela que ilumina o caminho dos que caminham com esperança, a intercessora do povo brasileiro junto ao seu Filho Jesus Cristo.

Sua imagem morena, encontrada nas águas, recorda o mistério da encarnação — o Deus que se faz pequeno e humilde — e a dignidade de todos os filhos de Deus, independentemente de raça, condição ou origem.

No 12 de outubro, dia de sua festividade, o Brasil inteiro se torna um imenso altar de gratidão. Milhões de corações se unem em oração, proclamando: “*Salve, Rainha e Padroeira do Brasil! Mãe Aparecida, rogai por nós!*”



Oração à Nossa Senhora Aparecida Mãe da Esperança e Padroeira do Brasil

Ó Mãe Aparecida, Senhora das águas e das estradas,

Padroeira amada do nosso Brasil,

Tu que vieste das profundezas do rio para emergir no coração do Teu povo,
olha com ternura para nós, Teus filhos peregrinos.

Quando nossas forças se esgotam, sé o amparo que sustenta.

Quando o caminho se torna árduo, sé a estrela que orienta.

Quando o coração duvida, sé a voz que recorda:

“Não temas, meu filho, estou contigo.”

Tu que escolhestes os simples para revelar Teu poder,
acolhe hoje os que buscam a fé,
os que caminham entre lágrimas e esperanças,
os que trazem no peito um pedido, uma saudade,
ou apenas o silêncio que confia.

Mãe do Rosário,

ensina-nos a contemplar Jesus com Teus olhos de amor.

Faz de cada Ave-Maria um passo na estrada da santidade,
de cada dor uma oferta, de cada gesto uma semente de paz.

Acolhe o Brasil sob Teu manto azul de ternura, protege as famílias,
ilumina os governantes, fortalece os pobres, consola os doentes
e dá esperança aos que perderam o rumo.

E quando o sol se pôr no horizonte de nossa vida,

leva-nos pela mão até Teu Filho Jesus,

para que, enfim, possamos descansar em Seu Coração,

onde toda peregrinação encontra repouso e eternidade. Amém. 



A Senhora do Tepeyac

Maria Bernadete Miranda
mbernadetemiranda@gmail.com

No alto da colina, o silêncio floresceu,
e o céu, em véu de ouro, sobre a terra desceu.

Entre rochedos frios, um canto se elevou,
e uma mulher vestida de sol o mundo iluminou.

Seu manto — constelação de estrelas serenas,
seu rosto — ternura de Mãe que acalma as penas.

Falava ao coração, mais do que à razão,
com voz que é brisa, promessa e oração.

*“Juan Diego, pequeno e fiel mensageiro,
sou tua Mãe, o teu abrigo verdadeiro.
Leva ao povo o sinal do amor divino,
neste manto guardo o destino.”*

E as flores de Castela, em pleno inverno,
brotaram vivas, num gesto eterno.
Guadalupe brilhou no tecido sagrado,
o céu e a terra, enfim, abraçados.

Desde então, em cada olhar sofrido,
Ela é consolo, ternura e sentido.
Mãe das Américas, Rainha do Amor,
em teu sim floresceu o Salvador. 

Maria Bernadete Miranda



Reflexão e Espiritualidade da Devoção

A devoção a Nossa Senhora de Guadalupe é, em sua essência, um acontecimento de encarnação: Deus fez-se próximo por meio da Mãe que se apresenta ao seu povo com ternura visível. A aparição mariana no Tepeyac, em 1531, não é apenas um episódio pitoresco da história religiosa do México; é, antes, uma verdadeira epifania da misericórdia divina que assume a linguagem, o rosto e os símbolos de um povo ferido e despossuído, mostrando que o plano de salvação se desdobra também nas periferias da história humana. Quando a Virgem aparece a Juan Diego como “mãe” — e o faz falando na sua língua —, Ela proclama que o Evangelho não é uma doutrina estrangeira imposta de fora, mas uma novidade que acolhe as culturas, transforma a memória e redime as feridas do passado.

Teologicamente, Guadalupe é um ícone da Encarnação retomado: a Mãe que traz no manto a imagem do Filho é a presença do Deus que se fez homem para assumir definitivamente o destino dos homens. A iconografia do manto — as cores, as estrelas, a posição das mãos, o cinto que indica gravidez — fala uma teologia singela e profunda: Deus não veio sozinho; veio por meio de uma mulher que acolheu, generosamente, o mistério de salvar.

A espiritualidade guadalupana é, portanto, profundamente encarnada. Ela não busca retirar-se da história; abraça-a. A Senhora de Guadalupe assume traços humanos e culturais — morenidade, traje, fala — e assim confirma que o rosto de Deus é visto em rostos reais e historicamente situados. Este caráter encarnacional convida a uma piedade que respeita e transforma as culturas, que não anula identidades, mas as eleva pela graça. É uma espiritualidade que enseja diálogo entre fé e cultura: a liturgia, a devoção popular, as músicas, as festas, os ritos se convertem em vias autênticas de encontro com o Criador quando animadas por fé e acolhidas pela Igreja.

No plano moral e pastoral, Guadalupe aponta para a opção preferencial pelos pequenos. A escolha de Juan Diego — um homem simples, doente, indígena — revela que Deus privilegia os pequenos como canal de sua revelação. A Mãe que diz “*Não estou eu aqui, que sou tua Mãe?*” oferece consolo e dignidade aos que foram humilhados pela história da colonização, das injustiças e das desigualdades. Por isso, a espiritualidade guadalupana é também uma teologia da esperança social: mover-se sob o manto de Maria implica comprometer-se com os pobres, defender a vida e construir comunidades fraternas. O sinal das rosas e o milagre do manto lembram que a beleza da criação pode selar um novo pacto de paz entre povos.

Guadalupe tem também um caráter ecumênico e inter-religioso: ao assumir os símbolos do povo originário, Maria aparece como ponte entre mundos, convidando à reconciliação cultural e ao respeito mútuo. A devoção, longe de ser elemento de fechamento identitário, torna-se caminho de abertura: quem



venerar Guadalupe é chamado a reconhecer o valor do outro, a proteger as culturas e a trabalhar pela harmonia social. Neste sentido, a Senhora das Américas torna-se modelo de hospitalidade: sua casa é espaço onde todos são acolhidos e onde a diferença é lugar de graça.

Para a espiritualidade pessoal, Guadalupe ensina a oração simples e confiante. A oração guadalupana não é elaborada por fórmulas sofisticadas; ela brota do coração ferido que busca consolo. A feitura do sinal da cruz diante do manto, as jaculatórias repetidas, o caminhar em romaria, o deixar flores — tudo isso é linguagem de um povo que ora com a corporalidade e com a memória. A devoção guadalupana recorda que o cristianismo é mistério vivido, não mero sistema mental: ponto de encontro entre olhar e olhar, entre gesto e gesto, onde a mão que acaricia o manto reata laços de humanidade.

No itinerário do peregrino, Guadalupe é companheira de estrada. Quem caminha rumo a um santuário ou percorre os caminhos interiores encontra nela uma Mãe que caminha à frente e que recebe as oferendas mais humildes: o suspiro, a lágrima, a rosa ofertada. A presença de Maria em Guadalupe auxilia o peregrino a reconhecer que a verdadeira meta não é um lugar geográfico somente, mas uma transformação do coração: a conversão de quem caminha para amar mais, servir mais e perdoar mais. Assim, a devoção guadalupana alimenta a espiritualidade do viajante como disciplina de fé: jejum, súplica, ação de graças e, sobretudo, compromisso com o bem comum.

Finalmente, do ponto de vista sacramental e eclesial, Guadalupe reforça o papel da Mãe no seio da Igreja. A Igreja, mãe e mestra, encontra em Maria um espelho de ternura e de missão. O magistério recente reconheceu em Guadalupe um auxílio extraordinário à evangelização, sobretudo nas Américas, apontando-a como Estrela que orienta a caminhada pastoral para a promoção da justiça e da vida. A devoção, quando integrada à vida sacramental, enriquece a caridade pastoral: os frutos de Guadalupe são comunidades mais atentas aos pobres, históricas de conversão social e servidores da paz.

Em síntese, a espiritualidade da devoção a Nossa Senhora de Guadalupe é chamada à encarnação do Evangelho: acolher o outro, lutar pela dignidade dos oprimidos, rezar com o corpo e transformar a história com gestos de ternura. É a esperança que floresce nas pedras frias do Tepeyac e se espalha como convite: não caminhemos sozinhos; deixemos que a Mãe nos cubra com seu manto e nos ensine a amar segundo o coração de Deus.



Oração à Nossa Senhora de Guadalupe A Mãe que Faz Florescer a Esperança

Santa Maria de Guadalupe,

Mãe do verdadeiro Deus por quem vivemos,

olha com ternura para os teus filhos dispersos pelos caminhos da terra.

Tu que apareceste no Tepeyac como sinal de esperança e consolo para os humildes, acolhe-nos também sob o teu manto sagrado, onde encontramos refúgio, paz e amor.

Virgem Morena, tu que falaste na língua simples de Juan Diego,
ensina-nos a escutar a voz de Deus no silêncio do coração.

Faz-nos compreender que o Evangelho floresce quando acolhemos os pobres, os esquecidos e os pequenos, pois neles se revela o rosto luminoso do teu Filho Jesus.

Mãe compassiva, tu que transformaste a dor de um povo em cântico de fé,
renova em nós a confiança nas promessas do Senhor.

Quando o medo e o desânimo nos visitarem, recorda-nos tuas palavras:

“Não estou eu aqui, que sou tua Mãe?”

E que, ao lembrar disso, todas as lágrimas se tornem orvalho de esperança.

Senhora das Américas, guia os nossos passos pelos caminhos da justiça e da fraternidade. Inspira-nos a defender a vida, a proteger a criação, a servir com alegria e a construir a paz.

Que o teu manto de estrelas abrace os povos de todas as nações,
e faça resplandecer sobre nós a luz do Cristo, Sol nascente da eternidade.

Nossa Senhora de Guadalupe, Rainha dos peregrinos e Mãe das misericórdias, conduze-nos ao Teu Filho Jesus, para que, com Ele, possamos transformar o mundo

em um jardim de amor, fé e compaixão. Amém. 



Sobre a Revista

A Revista Eletrônica Peregrino da Esperança é uma publicação semestral do Núcleo de Estudos Religiosos do Portal Peregrino da Esperança, dedicada à difusão do saber religioso e à evangelização. Idealizada por Maria Bernadete Miranda e Luiz Eduardo Miranda José Rodrigues, a revista reúne artigos, entrevistas e reflexões sobre fé, espiritualidade e peregrinação.

Registrada com ISSN – 3086-2256, pelo IBICT, consolida-se como um espaço de encontro entre a pesquisa teológica e a vivência cristã, inspirando os leitores a caminhar com esperança

Contato Principal

Editor Científico

Luiz Eduardo Miranda José Rodrigues

Maria Bernadete Miranda

E-mail: luizaerodesign@gmail.com

E-mail: mbernadetemiranda@gmail.com

Editor

Luiz Eduardo Miranda José Rodrigues

Maria Bernadete Miranda

Conselho Editorial

Luiz Eduardo Miranda José Rodrigues

Engenheiro Mecânico pela FEI e Mestre em Engenharia Aeronáutica pelo ITA. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Campus Salto.

Maria Bernadete Miranda

Advogada e professora. Mestre e Doutora em Direito das Relações Sociais, Direito Empresarial, pela PUC/SP.

Administrador do Portal

Luiz Eduardo Miranda José Rodrigues

Maria Bernadete Miranda



Capa e Design

Luiz Eduardo Miranda José Rodrigues

Foco e Escopo

A Revista Eletrônica Peregrino da Esperança dedicar-se-á à difusão do saber religioso e à evangelização. Haverá três âmbitos de abrangência: disciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar. Os artigos serão submetidos à Comissão Avaliadora e sua revisão final caberá ao Conselho Editorial.

Editorial

Esta seção visa apresentar as matrizes epistemológicas que orientam a revista a partir da proposta de interlocução entre diferentes áreas do conhecimento mediante sua interface com a religião católica apostólica romana.

Entrevistas

O objetivo principal desta seção corresponde à publicação de entrevistas relacionadas as experiências vividas na fé e na religiosidade.

Periodicidade

Publicação semestral nos meses de junho e dezembro.

Arquivamento

Esta revista utiliza arquivos permanentes para preservação e restauração.

Declaração de Direito Autoral

Direitos Autorais para artigos publicados nesta revista são do autor, com direitos de primeira publicação para a revista. Em virtude da política adotada pela revista, o acesso é público, gratuito e os trabalhos pesquisados e entregues para a publicação são de responsabilidade de seus autores e representam o seu ponto de vista. Ficam reservados os direitos à propriedade intelectual do autor.

Política de Privacidade

Os nomes e endereços de e-mail neste site serão usados exclusivamente para os propósitos da revista, não estando disponíveis para outros fins.



Histórico da Revista

A Revista Eletrônica Peregrino da Esperança nasceu do desejo de unir fé, reflexão e conhecimento em um mesmo caminho de evangelização. Idealizada por Maria Bernadete Miranda e Luiz Eduardo Miranda José Rodrigues, a revista representa um dos frutos do Núcleo de Estudos Religiosos do Portal Peregrino da Esperança, consolidando-se como um espaço dedicado à difusão do saber religioso e ao fortalecimento da espiritualidade cristã.

Com publicação semestral, a Revista tem como missão promover o diálogo entre fé e cultura, incentivando a produção científica, o testemunho espiritual e o intercâmbio entre pesquisadores, peregrinos e devotos de diferentes expressões do cristianismo. Seu conteúdo abrange artigos, ensaios, documentos, entrevistas e relatos que contribuem para o estudo e a vivência dos Caminhos de Peregrinação no Brasil e no mundo, bem como temas voltados à teologia, espiritualidade, história da Igreja e devoções marianas.

A Revista Eletrônica Peregrino da Esperança recebeu o número de ISSN – 3086-2256 do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), integrando-se ao universo das publicações acadêmicas indexadas em meio digital. Essa conquista reafirma seu compromisso com a seriedade editorial, a pesquisa teológica e a promoção da fé através da palavra escrita.

Mais do que um periódico, a Revista é um caminho de partilha e esperança, onde a ciência e a espiritualidade se encontram para inspirar corações e iluminar mentes. Em cada edição, convida seus leitores a peregrinar pelas sendas do saber, da fé e do amor a Deus, deixando-se guiar pela luz de Maria, Estrela da Evangelização, que conduz todos os peregrinos ao encontro com Cristo, o Caminho, a Verdade e a Vida.

Luiz Eduardo Miranda José Rodrigues

Maria Bernadete Miranda

Ficha Catalográfica

Revista Eletrônica Peregrino da Esperança – RODRIGUES, LEMJ e MIRANDA, Maria Bernadete
Ano 1, v.1, n.1 (2025). Santana de Parnaíba-SP: www.peregrinodaesperanca.com.br
ISSN - 3086-2256

Periodicidade Semestral

1. Teologia - Periódico. 2. Artigos. 3. Ensaios. 4. Devoções Marianas. 5. Entrevistas.

